

Entrevistas:

Aloízio Andretto

Vera Santos

Pág. 5 e 18

EDIÇÃO 6 | ANO 4

AGOSTO DE 2016

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



R E V I S T A

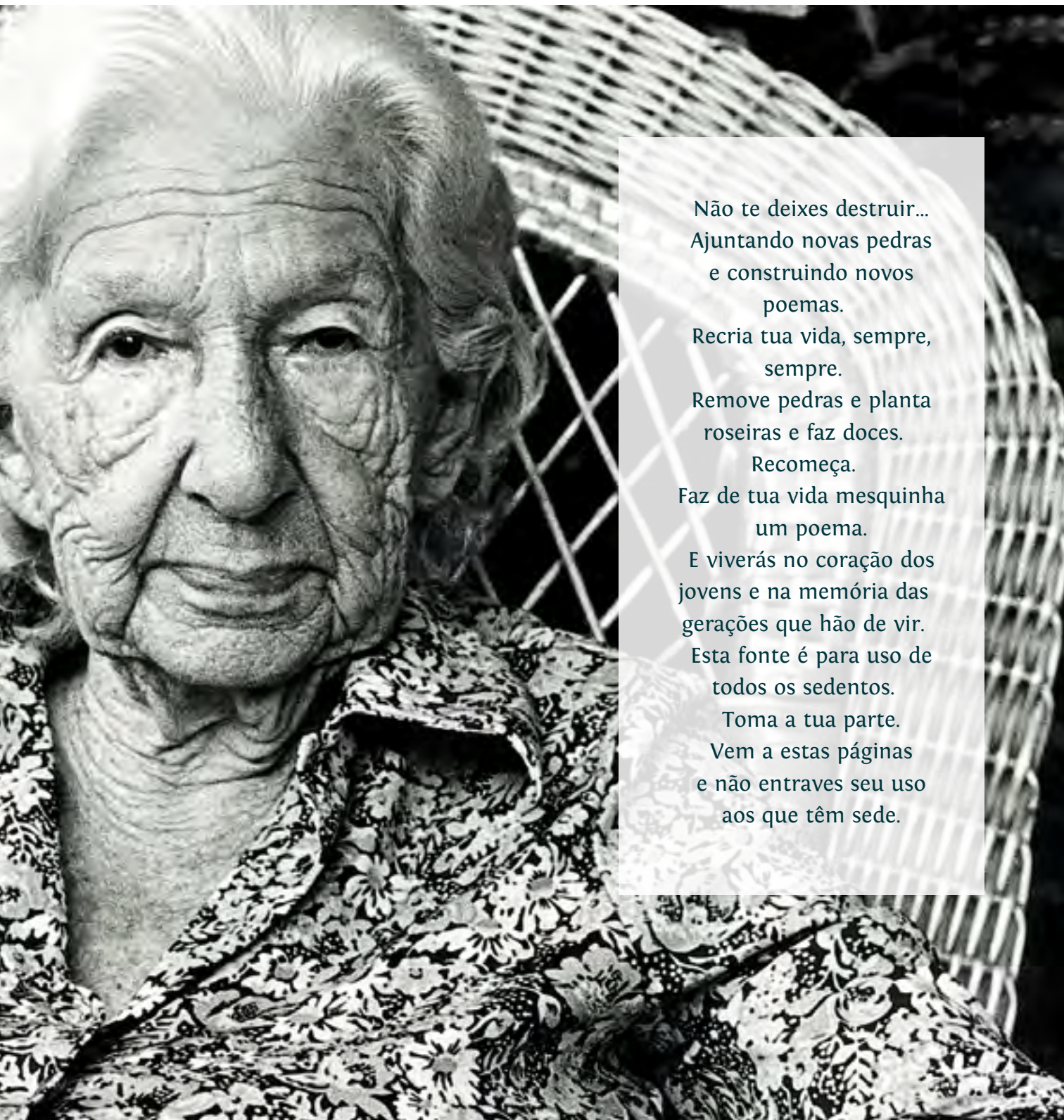
Vertentes Cultural



**GROTÃO:
SABOR, SUCESSO E
SUPERACÃO EM PRADOS**

ANINHA E SUAS PEDRAS

Cora Coralina



Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos
poemas.

Recria tua vida, sempre,
sempre.

Remove pedras e planta
roseiras e faz doces.

Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha
um poema.

E viverás no coração dos
jovens e na memória das
gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de
todos os sedentos.

Toma a tua parte.

Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.



4 Editorial

Entrevista

5 Aloízio Andretto

Turismo

7 Mariana convida turistas para visitas. E sem medo

Em Pauta

11 Aplicativo coloca belezas da Estrada Real na palma da mão

Economia

14 A tradição dos teares em Resende Costa

Cultura

17 Luz, câmera... paixão. A incrível história do Cine Glória

Entrevista

21 Vera Santos

Crediverentes

24 Credi se prepara para chegar a Piedade do Rio Grande

Social

26 APAE pede socorro em Madre de Deus

Gastronomia

32 Os sabores culinários e inspiradores do Grotão

Memória

35 O acervo e as histórias da Santa Casa em São João

Vertentes

38 As homenagens a São João Batista, em Morro do Ferro

Vida

40 Zé Miúdo, em São Tiago, e a tradição de benzer contra os males

MARIANE FONSECA

Chegamos. Finalmente. E acredite: o atraso desta edição da *Vertentes Cultural* foi proposital. Ao invés de chegarmos a você em julho, estas páginas começaram a ser distribuídas no final de agosto. O motivo? A comemoração das três décadas da nossa Credi.

E junto com ela o livro *Sicoob Crediverentes, 30 anos: de portas sempre abertas*. A publicação é o primeiro volume da *Coleção Vertentes Cultural* e um resumo detalhado, em 200 páginas, dos 360 meses ou 10.800 dias de existência da maior cooperativa da região. Aquela que começou em uma salinha cedida pela antiga Castil e, hoje, ocupa 17 pontos diferentes do Campo das Vertentes – com planos para crescer, claro.

Esse livro, lançado no dia 26 de agosto, é criança de gestação prolongada, que se arrastou por quase um ano. Nesse período, estabelecemos um projeto, desenhamos rascunhos, nos debruçamos sobre layouts, elencamos possibilidades de conteúdo,

pegamos a estrada em busca de mais de 120 entrevistas registradas em 60 horas de gravações após quase 2 mil quilômetros percorridos.

Foi exaustivo, foi preocupante. Mas extremamente satisfatório. E, exatamente para “dar à luz” essa obra, adiamos um pouquinho o lançamento deste número da *Vertentes Cultural* que, aliás, sai mais reconchudinha. Junto com as mais de 40 páginas que entregamos a cada seis meses, produzimos também um *Suplemento Especial*. Nele, além de condensar a história da Credi, lembramos de pessoas queridas que nos deixaram em plena reconstituição dos 30 anos de cooperativa em livro e “partiram para o outro lado”. Além disso, o presidente do nosso Conselho de Administração, João Pinto de Oliveira, narra em pormenores o surgimento do cooperativismo em si, em Rochdale. Não poderíamos deixar de lado, é claro, uma sinopse do enredo que constituiu a Crediverentes de 1986 até aqui.

De ousadia encarada como loucura a legislação limitadora, desconfiança, Plano Collor, improvisos, inadimplência, insegurança, luta, persistência, crescimento, consolidação, reconhecimento, transformação... está tudo ali em parágrafos condensados que nem de longe fazem jus à verdadeira epopeia da Crediverentes. Afinal, de 22 homens criticados pela comunidade, ela se transformou em mais de 14 mil associados, cerca de 120 colaboradores, 17 pontos de atendimento (um deles em fase de construção) e dezenas de sonhos renovados.

O maior deles: poder contar com você nos próximos capítulos que serão escritos. Afinal, são histórias como a sua (sim, a sua) que nos fazem insistir em empreender enquanto provam que os 22 “malucos” de 1986 estavam certos. O Campo das Vertentes é riquíssimo em boa gente, boas ideias, possibilidades. Algumas delas contamos aqui. Boa leitura!

ERRATA

Erramos e nos desculpamos. Houve um equívoco na edição nº4 da *Revista Vertentes Cultural*, lançada em julho de 2015. Na editoria *Em Pauta*, impressa entre as páginas 9 e 11, publicamos a matéria *Prova de Fogo* e, nela, mencionamos a Brigada-1 de Combate Voluntário a Incêndios Florestais como parte da S.O.S Serra do Lenheiro. Na realidade, não há ligação direta entre os dois grupos, que atuam de forma independente na proteção do nosso Patrimônio Ambiental.

EXPEDIENTE

Filiada ao S.C.CREDIMINAS - Cooperativa Central de Crédito de Minas Gerais, à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
João Pinto de Oliveira - Presidente
Paulo Melo - Vice Presidente
Alexandre Nunes Machado Chaves, Antônio Vicente de Andrade, Fabiana Andréia Fernandes Diéle Barros de Oliveira, Helder José Daher Chaves, Jasminor Martins Vivas, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo, Renivaldo Renaldo Bageto, Vera Lúcia Chaves Resende Santos.

DIRETORIA EXECUTIVA
Jasminor Martins Vivas - Diretor Executivo Administrativo
Luiz Henrique Garcia - Diretor Executivo Financeiro

CONSELHO FISCAL
Efetivos: Bruno Aurélio Santos Leão, Antônio Nunes Silva e Marlon Moredson de Castro
Suplente: Luis Cláudio dos Reis

REVISTA VERTENTES CULTURAL
Revista semestral do SICOOB Crediverentes - Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100
Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: crediverentes@sicoobcrediverentes.com.br

CIRCULAÇÃO
São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Barbacena, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Prados, Resende Costa, Ritópolis e São João del-Rei.

APOIO OPERACIONAL
Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Mariane Fonseca - MTB 15.883/MG
Tiragem: 5000 exemplares

FOTOS
Deividson Costa

DIAGRAMAÇÃO
Mapa de Minas Comunicação Integrada
As matérias veiculadas na Revista Vertentes Cultural do SICOOB Crediverentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.




Gerente do Ponto de Atendimento em Barbacena

O homem otimista. O gerente pé no chão

Aloízio Andretto não gosta muito de usar a palavra “destino”. Mas como homem de fé e cristão praticante, diz agradecer a Deus todos os dias pelos rumos que a vida dele tomou. Gerente do Ponto de Atendimento (PA) de Barbacena desde 2002, ele divide com a Crediverentes uma particularidade interessante: ambos ingressaram no mercado financeiro em 1986 - embora em locais diferentes.

Se encontraram mais tarde, quando a cooperativa desembarcou em território barbace-nense; e enfrentaram juntos a desconfiança de uma comunidade traumatizada. “Uma coope-rativa de crédito havia falido na cidade e cau-sado prejuízos enormes. Conseqüentemente, a confiança das pessoas também sumiu. Lembro que nas primeiras visitas, tentando captar as-sociados, cheguei a propriedades em que os ruralistas se recusavam até mesmo a abrir as portei-ras para en-trarmos. Suporta-vam ouvir falar até do diabo. Mas do cooperativismo... jamais”, recorda.

Hoje, felizmen-te, o cenário é ou-tro. Consolidada, com cerca de 1,5 mil associados e em franco cresci-mento, a Crediver-

“Enquanto grande parte do mercado fala em recessão, crise e muito ‘talvez’, frisamos que é possível falar em perspectivas positivas e otimismo, sempre com cautela, claro”



tentes em Barbacena aposta em modernização e ainda mais conforto. O PA local será o primeiro, no final de 2016, a funcionar com segmentação gerencial. Nesta entrevista cedida entre atendimentos, reuniões, cafezinhos e com a simpatia incontestável de Andretto, ele fala sobre a mudança, batalhas contra a crise, recomeços e persistência.

Vertentes Cultural – *O Ponto de Atendimento barbacenense deve começar a contar com a segmentação gerencial até dezembro. Sabemos que essa reformulação é moderna e ousada, além de depender de um processo cuidadoso de implantação. Quando ele estiver finalizado, o que vai significar efetivamente para a Credivertentes e seus associados?*

Aloízio Andretto – O começo de uma grande transformação num momento de grande desenvolvimento da Credi. Esse sistema, posteriormente, será adotado em todas as agências. Mas a princípio será testado aqui. Seremos a agência-piloto de uma prática que garantirá atendimento personalizado aos cooperados, com três gerentes: um de pessoa física; um de pessoa jurídica e outro atuando como gerente geral. Todos eles terão assistentes.

Quando o projeto foi apresentado a nós, soubemos de imediato que demandaria muitos ajustes e não significaria uma tarefa fácil. Por outro lado, sinalizava que seria possível atender o público de forma ainda mais direta, facilitando a apresentação de produtos e propostas adequadas a cada necessidade.

Vertentes Cultural – *Na sua resposta surgiu um termo interessante: crescimento...*

Aloízio Andretto – É uma aposta da Credivertentes. Enquanto grande parte do mercado fala em

recessão, crise e muito “talvez”, frisamos que é possível falar em perspectivas positivas e otimismo, sempre com cautela, claro.

Partimos do princípio de que a crise não dura para sempre, e de que quando ela passar, precisará encontrar empreendedores fortes, estratégicos e dispostos a competir dali em diante. A questão é: não se trata de uma teoria repetida aos associados enquanto batemos no ombro deles. Na prática, estamos todos remando para chegar ao porto e em segurança no mesmo barquinho. É difícil? Sim. Mas melhor do que ficar à deriva.

“Estamos todos remando para chegar ao porto e em segurança no mesmo barquinho. É difícil? Sim. Mas melhor do que ficar à deriva”

Vertentes Cultural – *Podemos dizer, então, que foi preciso “remar estrategicamente”?*

Aloízio Andretto – Exato. Aqui

em Barbacena, o pedido por crédito foi o mais afetado. Afinal, o empresariado tem medo de utilizar o recurso com que conta. E mais ainda de aderir a empréstimos para investir nos negócios em um cenário instável. Por outro lado, os depósitos cresceram muito. Para se ter uma ideia desse fenômeno, batemos ainda em julho a meta estipulada para dezembro envolvendo esse tipo de operação.

Nós tínhamos, então, duas opções: sentar, cruzar os braços e lamentar; ou permanecermos de pé ouvindo o cooperado, canalizando necessidades, orientando sobre possibilidades e apresentando soluções. Escolhemos a parte mais “difícil” (risos). Graças a Deus.

Vertentes Cultural – *Aliás, driblar dificuldades é algo muito recorrente, certo? Você tem 30 anos de experiência no mercado financeiro. A Credi chegou, em 2016, a 30 anos de funcionamento ininterrupto. Ambas as histórias se cruzaram em um contexto nada fácil também...*

Aloízio Andretto – Olha... (suspiro). Quando a agência foi aberta

em Barbacena, em 2002, encontramos um ambiente que não beneficiava em nada a nossa chegada. Além de desembarcarmos em uma praça que já contava com instituições financeiras, fomos recebidos com bastante desconfiança principalmente pelos produtores rurais, que enfrentaram experiências traumáticas com o cooperativismo.

Felizmente, o Sindicato Rural da cidade nos acolheu, cedeu uma sala para que pudéssemos funcionar a princípio e, ainda, ajudou com que muitos ruralistas conversassem conosco. Nesse momento, eu contava às pessoas a história de luta da cooperativa na região. Era uma forma de baixar algumas defesas, de mostrarmos que entendíamos bem as batalhas de cada um. Anos depois, já em um espaço maior, começamos a convidar pessoas conhecidas para pagarem boletos nos nossos caixas. Resultado: quem passava do lado de fora, via a agência cheia. Aquilo era sinal de que havia um grande público conosco, de que éramos confiáveis. Aos poucos, chegamos onde estamos agora. E é só o começo.

Vertentes Cultural – *A aposta na segmentação gerencial prova isso...*

Aloízio Andretto – Sim... A Credivertentes é uma instituição que usa as lições aprendidas no passado, atua de forma contundente no presente e olha sempre para o futuro. Em todo esse processo, conta com ampla participação de colaboradores e associados. Isso acontece através das pré-assembleias, das Assembleias Gerais e, também, dos comitês. Hoje, faço parte do Comitê de Desenvolvimento Estratégico, e posso confessar que me sinto encantado e agradecido por integrar um grupo com vozes diferentes capazes de chegar a consensos importantes. Tudo em nome da ética, do bem-estar e da sustentabilidade da Credi. Cooperativismo está exatamente nisso.



À ESPERA de VISITANTES

Quase um ano após tragédia que atingiu o distrito de Bento Rodrigues, Mariana tenta superar o trauma, vencer boatos e reerguer o Turismo



Fábio Bento das Dores acompanhava um grupo de turistas em uma praça de Ouro Preto (MG), quando um homem se aproximou, arfando e pálido, dando a notícia: “A barragem... a barragem estourou. Levou todo embora em Mariana”. Fábio é guia turístico profissional há 20 anos e conhece todos os cantos da cidade histórica onde nasceu. Sabe descrever e explicar em detalhes a área urbana, a Zona Rural e os distritos. Dentre eles Bento Ribeiro, a pouco mais de 35km do centro marianense. Exatamente por isso, sabia de que barragem se tratava a mensagem desesperada: a do Fundão, mantida pela mineradora Samarco.

Mas achou, no primeiro momento, que havia exageros ali. Não havia. A comunidade ligada a Mariana havia sido engolida por mais de 60 milhões de metros cúbicos de lama. Foi assustador e rápido. Bastaram 11 minutos para aniquilar 317 anos de existência, destruir dezenas de sítios históricos, derrubar mais de 200 casas e matar 19 pessoas.

Não demorou para que o tsunami de barro fosse considerado o maior desastre ambiental da história brasileira. E com desdobramentos terríveis.

DESDOBRAMENTOS

De Bento Rodrigues, o mar de lama passou por outros povoados, como Camargos e Paracatu de Baixo. Não parou por ali. Sem impedimentos, os rejeitos escorreram ao longo de outros 700km, até alcançar a foz do Rio Doce, no Espírito Santo. Entre esse estado e Minas Gerais, atingiu 30 municípios e dezenas de comunidades ribeirinhas.

Mariana em si não foi atingida. Mas sofreu as consequências: com medo, turistas deixaram de desembarcar na cidade. A economia da cidade histórica, que já sofria os abalos da crise nacional, estremeceu com mais força.

TURISMO

“Precisamos mostrar pras pessoas que está tudo bem com a cidade. E que elas podem vir pra cá. A população já sofreu o suficiente perdendo familiares e amigos naquela tragédia. Não pode sofrer ainda mais e perder fonte de renda”, lamenta Fábio Bento das Dores, mencionado no início desta reportagem.

Ele foi encontrado pela reportagem enquanto conversava com um grupo de outros quase dez profissionais na escadaria da Igreja São Francisco de Assis. Foi o único a aceitar tocar no assunto. “Não é fácil. A nossa vida e das nossas famílias foi muito afetada. Já houve fins de semana em que atendi quatro grupos de turistas. No final de 2015, depois do acidente, passei dias sem receber qualquer convite para guiar. Só chegavam telefonemas desmarcando atendimentos. Foi doloroso”, lembra.

Segundo Fábio, não foram poucos os viajantes a imaginar que Mariana em si havia sido tomada pelo tsunami de lama. Para piorar, um boato de que a água local estava contaminada acabou se espalhando. Não é difícil comprovar isso.

Em uma pesquisa no Google pelo termo “desastre em Mariana”, são entregues mais de 465 mil resultados em menos de um segundo para o internauta. O nome da cidade histórica aparece já nos títulos de matérias jornalísticas, artigos e dossiês. Ao substituir o nome do município por Bento Rodrigues, os índices caem para 304 mil resultados. No entanto, a maioria menciona a comunidade apenas no corpo dos textos. Os títulos continuam estampando “Mariana”.

NÚMEROS

Segundo a coordenadora de Turismo do Centro de Atenção ao Turismo (CAT) em Mariana, Lívia Castro, a cidade histórica teve queda de 30% no fluxo de visitantes registrados nos últimos anos. “Nós vínhamos registrando cres-

cimento anual exatamente com essa porcentagem. Após o acidente, esse avanço simplesmente não aconteceu. Houve, de fato, cancelamentos massivos de reservas em hotéis e passeios escolares. Só em meados de 2016 é que o cenário começou a normalizar”, explica.

Nem mesmo o Carnaval animou os foliões. Além da tragédia recente em Bento Rodrigues, a alavancada da folia na capital mineira, Belo Horizonte, redirecionou fluxos.

Essa subtração, porém, foi calculada com base nos registros em livro de assinatura do CAT. Ou seja: de acordo com os turistas que visitaram o espaço e pediram informações. Para Fábio Bento, porém, o termômetro nas ruas indicou defasagem ainda maior: de 60%. Outro guia turístico, Paulo Gomes da Silva, preferiu não entrar nos méritos dessa matemática.

Também atuante há duas décadas, Silva é figura irreverente que marca presença em outro local, nos arredores da Catedral da Sé. Dedilhando um inseparável violão e cantando alto um repertório democrático que visita de Roupa Nova a Barrerito, ele usa a música como publicidade pessoal e chamariz.

Só fecha o sorriso quando alguém fala do acidente em Bento Rodrigues. “Todo mundo pergunta sobre o turismo em Mariana depois do acidente. Não calculei queda, sabe? Não gosto de pensar nisso. Já tivemos traumas suficientes. Quero é continuar trabalhando, fazer a minha parte”, defende.

O que mostrar, realmente, não falta na encantadora cidadezinha.

FELIPE FLORESTI/SUPERINTERESSANTE



Tragédia transformou distrito em cenário de terror



ONDE IR

Para o turista que parte do Campo das Vertentes, andar por Mariana é cruzar com similaridades. Atravessar as vias de pedra da cidade histórica, primeira vila de MG e vizinha de Ouro Preto, significa transitar pela Rua Direita, conhecer uma igreja dedicada a São Francisco de Assis, ter a chance de ouvir um concerto em órgão do início do século XVIII. Em vídeo de apresentação sobre os atrativos locais, no CAT, é Elisa Freixo quem aparece se apresentando com ele. Ainda assim, Mariana é única. E tem encantos de sobra.

MUSEUS

Rica em patrimônio cultural, Mariana ostenta uma série de espaços que merecem o selo de “visita obrigatória”. Um deles fica exatamente na Praça Minas Gerais: a Casa de Câmara e Cadeia. O prédio foi projetado e erguido no fim do século XVIII, em arquitetura colonial, e resguarda características originais até os dias de hoje.

No térreo ainda é possível, por exemplo, conhecer as pesadas grades usadas para deter presidiários. Assustam, mas hoje decoram, além de repartições públicas, uma simpática loja de artesanato. Já no segundo andar estão três salões e cinco salas onde ainda há reuniões do Legislativo e são expostas peças de arte.

A visitação ao local é gratuita. Na passagem pela cidade, não deixe de se encantar também por um dos mais importantes acervos de música sacra no Brasil. O Museu da Música de Mariana funciona no antigo Palácio dos Bispos, também do século XVIII, outro atrativo à parte. Vale lembrar que em Mariana também está o segundo maior museu de arte sacra do país, como anexo da Catedral da Sé. Lá dentro estão abrigadas obras de expoentes importantes, como Aleijadinho. Já para os interessados em conhecer o cotidiano secular, a pedida é o Museu Casa da Providência, também na área central.



Paulo Silva: música para distrair, se diferenciar e motivar

CACHOEIRA DO BRUMADO

Sim, é possível mesclar cultura, arte, religiosidade, história e natureza na visita a Mariana. A 25km da cidade, um pequeno distrito cheio de lojas com artesanato em pedra sabão guarda, também, uma cachoeira de fácil acesso.

Sem trilhas, rodeadas por casinhas e com área de lazer para almoço em família ou uma bebida refrescante, três quedas d'água esverdeadas com até 10 metros valem a passagem – e bons dedos de prosa com moradores e artesãos extremamente receptivos.



IGREJAS

Os guias listam nove templos imperdíveis na cidade. E vale a pena conhecer cada um deles. Além das igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis, localizadas lado a lado, outros cartões postais e religiosos são a Catedral da Sé (atualmente em reforma) e a lindíssima São Pedro dos Clérigos, construída na parte alta da cidade. Os seminários de São José e Nossa Senhora da Boa Morte também convidam para visitas.



"A população já sofreu o suficiente com a tragédia. Não pode sofrer ainda mais", diz Fábio Bento

NATIVOS DO MUNDO/DIVULGAÇÃO



MINA DA PASSAGEM

A 10km do Centro Histórico, a Mina da Passagem foi explorada entre o século XVIII e a década de 1950. Reza a lenda que, dali, saíram 35 toneladas de ouro. Hoje desativado, o espaço é aberto a visitação e oferece passeio por galerias gigantescas, além de uma volta em um trole (carrinho sobre trilhos usado pelos mineradores), ao longo de aproximadamente meia hora. O ingresso para conhecer o espaço, ouvir histórias reais, lendas e causos fantasmagóricos a 120 metros de profundidade (ou seja, quase 40 andares) custa R\$60.



*Um dos pontos
incluídos no app: a
Cachoeira da Pedreira,
em Lavrinhas-SP*

Quando a beleza cabe na palma da mão

*Aplicativo mapeia maravilhas da Estrada Real enquanto mostra
que tecnologia e aventura combinam, sim*

Em meados de 2014, o diretor de Tecnologia Rafael Cipriani ouviu da amada Isadora que o casal estava... grávido. A notícia, claro, foi mais do que comemorada. Mas chegou com uma preocupação: Cipriani era co-responsável, desde 2013, por outra gestação. A de um aplicativo ousado que mapearia os mais de 1,6 mil quilômetros da Estrada Real. O foco? As centenas de cachoeiras que caem nesses territórios.

“O projeto, autossustentado, tinha altos e baixos. Então às vezes não tínhamos grana pra pagar a gasolina que nos traria de volta pra casa. A estrada também podia significar muito tempo distante, sem acompanhar de perto a gravidez. Cogitei suspender tudo”, conta um dos idealizadores do *Cachoeiras Estrada Real*, app para plataformas Android e iOS que já soma mais de 50 mil downloads só no Google Play.

Obviamente, então, já dá para deduzir que no fim deu tudo certo. E como. No início de 2015, após percorrer vários quilômetros em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro na barriga da mamãe, o pequeno Ravi veio ao mundo. Em fevereiro de 2016 o aplicativo chegou ao mercado.

Resultado de uma junção de paixões: a de Cipriani por tecnologia; a do amigo Pedro Mendonça por ecoturismo; e a de ambos pela Estrada Real.

A ESTRADA

A Estrada Real tem história ligada ao século XVII. Naquela época, em pleno Ciclo do Ouro, a Coroa Portuguesa estabeleceu rotas para transportar ouro e diamante de Minas Gerais a portos cariocas.

Com o tempo, foram estabelecidas quatro rotas: o Caminho Velho, pioneiro no mapa colonizador, ligando Ouro Preto a Paraty; o Caminho Novo, fugindo de ataques piratas na rota marítima entre esses dois pólos; o Caminho dos Diamantes, conectando Ouro Preto a Diamantina; e, por fim, o

Caminho do Sabarabuçu, envolvendo Barão de Cocais, Caeté, Sabará e Glaura.

O primeiro já é abrangido pelo *Cachoeiras Estrada Real*, que disponibiliza gratuitamente um pacote gigante de informações sobre 23 comunidades. Com isso, mais de 180 cachoeiras aparecem no catálogo digital. E contando. A meta é cobrir as mais de 500 maravilhas de todos os percursos.

Diamantina é novidade prevista para os próximos meses. E uma das mais “reclamadas” nas seções de comentários das lojas virtuais. “Os comentários negativos, em geral, são nesse sentido. ‘Poxa, faltou essa queda d’água’; ‘Cadê minha cidade?’. Algumas, inclusive, nem fazem parte da Estrada Real. Mas é ótimo receber esse *feedback*. Ele nos motiva a pensar em outros projetos com maior amplitude”, diz Cipriani.

O APLICATIVO

Disponível no Google Play e na Apple Store, o *Cachoeiras Estrada Real* é um verdadeiro GPS do ecoturismo na Estrada Real. Em todos os municípios e comunidades é possível ao usuário acessar vídeos, fotos, descrições de localização, dificuldade de acesso, altura das quedas d’água e, ainda, orientações com dicas de segurança. Não bastasse isso, há guias de hospede-

dagem, alimentação, hospitais, bancos, postos de gasolina, receptivos e telefones de emergência. Itens essenciais para quem quer se aventurar com segurança.

Sobre as cachoeiras em si, os materiais multimídia foram capturados com câmeras profissionais, drones e até equipamentos subaquáticos. Todas elas, aliás, são georreferenciadas, fazendo com que a rota para alcançá-las possa ser acompanhada via GPS de dispositivos móveis mesmo sem conexão 3G ou 4G. A meta agora, segundo Cipriani, é ampliar a interatividade do app. As ideias incluem desde gravação e compartilhamento das trilhas até utilização de rotas feitas pelo ecoturista em GPS externo.

O COMEÇO

Mendonça já trabalhava com turismo em Tiradentes quando percebeu um fenômeno controverso: a demanda por passeios em trilhas, serras e cachoeiras não parava de crescer. Mas pouco era feito no setor. O foco, na realidade, se mantinha nas visitas históricas e culturais.

Enquanto isso, Cipriani sonhava em desenvolver recursos tecnológicos que divulgassem as maravilhas locais, impulsionassem o interesse dos turistas e, claro, levassem desenvolvimento às

RAFAEL CIPRIANI/FACEBOOK/DIVULGAÇÃO



Em família: Ravi, filho de Cipriani e Isadora, já nasceu com o pé na estrada junto à equipe do Ecoguias. Esforço rendeu mapeamento da Estrada Real que ainda irá se estender



comunidades. “Elas têm muito o que oferecer e pouca visibilidade”, atesta.

Dali à união das ideias empreendedoras foi um passo. Desse ponto para o lançamento do *Cachoeiras Estrada Real*, porém, foram necessários 50 mil quilômetros percorridos em um Celta “que acabou virando um 4x4”, como brinca Cipriani, e uma coleção de frustrações. Todas dribladas com determinação.

EVOLUÇÃO

A concepção do aplicativo com embrião em São João del-Rei se deu no olho de um furacão: a crise econômica brasileira. Basicamente, a maior parte do trabalho ocorreu exatamente nos anos de instabilidade mais intensa. Ainda assim, Rafael Cipriani e Pedro Mendonça não desistiram dos planos.

De permuta em permuta – hospedagem em troca de divulgação no app, por exemplo –, trabalhos

avulsos, persistência, noites sem sono e até dúvidas sobre como retornar à cidade-base, os idealizadores do *Ecoguias* (grupo que projetou o aplicativo) chegaram mais longe do que pensavam. Hoje, a equipe da *startup* conta com sete profissionais e já comemora reconhecimento nacional do *Cachoeiras Estrada Real*.

Em 2013, porém, mal sabia onde iria chegar. Nem como. “Nosso primeiro drone foi comprado no cartão de crédito e dividido em sei lá quantas prestações. Depois entramos no carrinho e começamos a bater na porta das prefeituras. Com poucos recursos, elas não podiam ajudar financeiramente, mas cediam guias, ofereciam transporte aos locais em que queríamos chegar, orientavam. Isso foi essencial”, lembra Cipriani.

A primeira delas, aliás, foi a de Carrancas. “As pessoas estranham não termos começado com as cachoeiras do ‘nosso quintal’. Mas a verdade é que, pra saber se a ideia

daria certo, precisávamos testá-la fora de casa, em outros territórios”, explica.

E foram muitos. Entre um e outro, algumas vezes, enfrentando “perrengues”. “Em São Thomé das Letras não tínhamos R\$10 pra encher o tanque e retornar. Pensei em desistir. Por milagre conseguimos um trabalho de divulgação, fizemos, e abastecemos o tanque”, ri Cipriani.

Valeu a pena. Com incubação na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), a *Ecoguias* despontou como uma das *startups* mais promissoras em um ranking do Sebrae, ganhou aval do Instituto Estrada Real, foi escolhido pela Fapemig para ser apresentado em uma mostra de tecnologia e, ainda, desembarcou em uma feira latino-americana de empreendedorismo e inovação na Argentina.

Para outras informações sobre o aplicativo e links diretos para download, basta acessar o www.cachoeirasestrada-real.com.br.

NERDS VIAJANTES/DIVULGAÇÃO



A Cachoeira dos Cristais, em Diamantina-MG, é convite irrecusável para uma visita

ECONOMIA tecida fio a fio

Em Resende Costa, teares transformaram a história da cidade e a vida da população. Antes, porém, foram alvos de preconceito



Não é preciso andar muito em Resende Costa para perceber: ali a economia é feita à mão. Aliás, a várias mãos. Com cerca de 11,4 mil habitantes, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a estimativa é de que pelo menos 70% da população se dedique ao artesanato e comercialize a produção em mais de 80 lojas dedicadas ao setor. Um crescimento gigantesco, já que no início dos anos 90 havia apenas cinco.

Boa parte desses estabelecimentos, aliás, foi aberta ao longo da Avenida Alfredo Penido, na entrada do município. É ali que acontece a Mostra de Artesanato e Cultura local, todos os anos, fazendo circular cerca de 15 mil pessoas.

O resultado dessa dinâmica, que se soma ao de artigos exportados para todo o país, é renda que beira os R\$6 milhões anualmente. Há aí algo curioso: o presente harmonioso e matematicamente fantástico de Resende Costa contrasta com o passado até recente em que trabalhar com teares, por exemplo, era atividade marginal.

Maria Perpétua Pinto, a famosa Dona Lilita, sentiu na pele o receio, o impacto, as mudanças e a aceitação do trabalho manual. Aos 75 anos, ela conta com detalhes como o um ofício marginalizado se transformou em arte. E transformou a história de um município inteiro. O mesmo faz Teresinha das Graças Ribeiro, a Dona Graci, que enfrentou chacotas e olhares tortos na adolescência ao atravessar ruas carregando sacolas de retalhos nos ombros. Hoje, é dona de fábrica que produz aproximadamente 2 mil tapetes todos os anos e emprega cerca de dez pessoas. Dentre elas os filhos.

O COMEÇO

Difícil dizer quem trouxe e onde desembarcou o primeiro tear de Resende Costa. Mas há indícios de que tudo tenha começado durante a exploração do ouro



Dona Lilita e a atividade que mais ama: "No passado, riram de nós"

em Minas Gerais, atraindo senhores portugueses, escravos e agregados para a região. Na bagagem, frisa Laércio Santos em artigo de 2012, trouxeram a tradição europeia da tecelagem artesanal – até então sem fins comerciais.

A técnica, à época, era usada única e exclusivamente para subsistência, produzindo vestuário tanto para o dia-a-dia quanto para ocasiões especiais, incluindo cerimônias religiosas e grandes festas. Aos poucos, tomou conta dos lares, principalmente nas comunidades rurais, com destaque para o Povoado dos Pintos. Tornou-se algo tão inerente e simbólico que, durante muito tempo, os teares foram presentes obrigatórios para meninas que entravam na adolescência. Afinal, aquele era sinal de que uma jovem prendada estava crescendo.

Mas, para Resende Costa, todo esse cenário pontuava mais do que costume. Era sinal de que a história mudaria. Há registros de que no início do século XIX, por exemplo, mais de 60% das mulheres locais já atuavam como fiadeiras ou tecedeiras. Mais de 100 anos depois, nos anos 1970, populações inteiras migraram para a área urbana. Com isso, fios,

malhas coloridas e o “tec-tec-tec” dos equipamentos começaram a fomentar uma verdadeira indústria artesanal, que só encontrou o êxito de fato mais de 20 anos depois. Dos anos 90 em diante, Resende Costa se transformou em uma quase “Capital Mineira dos Enxovais”.

DO PRECONCEITO AO ÁPICE

A jovem Lilita foi uma das primeiras pessoas a migrar e, já estabelecida no município, testemunhou o momento em que o êxodo rural realmente explodiu. Viu de perto charretes lotadas com todos os pertences de várias famílias chegarem a Resende Costa. E sabia o que cada uma enfrentaria dali em diante.

Ainda menina, anos antes, Lilita encarou mais do que a poeira do caminho e o medo da cidade: bateu de frente com o preconceito. “A gente passava na rua com sacos nas costas cheios de retalhos. Era o sinal de que vínhamos da roça. As pessoas olhavam, apontavam o dedo, riam, torciam o nariz. Eu era muito pobre, mas empinava o meu. Porque tinha orgulho do que fazia já naquela época”, garante a senhorinha.

Orgulho e paixão, na realidade.

Lilita conta que começou a tecer quase como um ato de rebeldia. Segundo ela, ainda muito pequena, passava dias a fio na casa da avó materna, uma tecedeira. A diversão de infância, diz, era espiar o trabalho dela. “Era como se eu visse um filme bonito, sabe? Nem piscava. Mas ao invés de só assistir, eu na verdade gravava cada movimento na cabeça. Um dia peguei novelinhos da minha mãe sem ela saber, fui pra um cantinho da fazenda e finquei quatro estacas. Espichei as linhas ali mesmo e teci. Ela viu, fez cara de brava. Depois respirou fundo e ficou calada. Dali pra frente nunca mais parei”, conta com ar de sapeca e lembrando dos primeiros anos de artesanato no Sítio do Baú.

Ali, sete pessoas se dedicavam ao trabalho manual, inclusive o pai, que viajava a cavalo para vender colchas bordadas e retornavam com lã de carneiro para mais produções. Aos 75 anos, a maestria de Lilita é a mesma dos velhos tempos. E o ânimo também. Todos os dias, a artesã se levanta às 5h, prepara o café, ajeita a casa e, às 7h, começa a tecer. Sem hora para parar, diz. Afinal, o fim da noite é o momento escolhido para separar retalhos e prepará-los para a maratona do dia seguinte.

Durante a jornada, confecciona colchas, tapetes e uma série de itens domésticos artesanais. Perdeu as contas, nesses mais de 60 anos de profissão, de quantos produziu e para onde foram.

É assim, também, com os filhos: dos oito, sete são artesãos. Todos sustentados, conforme lembra Dona Lilita, com rendimentos vindos do tear. Ela lembra, no entanto, que essa é uma história que parece se repetir. “Acho que a gente conta nos dedos quantas pessoas não tiveram alguém da família tecendo em Resende Costa. Muitas famílias só puderam colocar pão na mesa por isso”, diz.

FUTURO

Se o trabalho nos teares mudou o passado e é realidade no



Já no século XIX, mais de metade da população feminina em Resende Costa se dedicava ao tear

presente apaixonado de Lilita, não é difícil deduzir que ela ainda os vê como maiores companhias no futuro. “Minha avó teceu até morrer. Largou a colcha pra dar o último suspiro. Queira Deus que seja assim comigo também”, pede.

Com o mesmo sonho Teresinha das Graças Ribeiro, a Dona Graci, de 58 anos. Afastada do artesanato após contrair uma Lesão Por Esforço Repetitivo (LER) e deslocar o bíceps, a mineira garante que nenhuma dor nos braços é superior à que sente no coração, de saudade das peças que produziu por mais de 40 anos. “Mas sigo as orientações médicas e não forço nada na esperança de ficar bem e poder voltar pra nunca mais parar. Sonho em envelhecer tecendo e, quando Deus me levar, dar um jeito de continuar trabalhando lá em cima”, confessa.

Para tentar amenizar o vazio, Graci mantém presença constante na fábrica própria que construiu perto de casa, coloca 2 mil produtos no mercado todos os meses e emprega cerca de dez pessoas. Dentre elas os três filhos, que representam a quinta geração da família na produção colorida, diferenciada, minucio-

sa e criativa de tapetes resendencostenses.

Hoje, eles são vistos como empreendedores. Num passado nem tão distante assim, porém, Graci também enfrentou discriminação. “Quando vim para Resende Costa com a minha família, só havia quatro teares na cidade. E todos nós, sem exceção, lidamos com críticas. Felizmente persistimos, trabalhamos, colocamos arroz e feijão na mesa com muita dignidade e, hoje, vemos filhos e em alguns casos netos seguindo a tradição com muito orgulho”, frisa.

Algo que ela mesma conhece bem. Ao contar a própria história, Graci lembra ser filha de um marceneiro que produzia teares e garantia ferramentas essenciais para o trabalho da mãe. Em meio a essa dinâmica, acabou crescendo enquanto se divertia com retalhos e aprendia a fiar algodão já aos 9 anos. Pouco depois, já era capaz de produzir colchas com emendas.

Décadas depois, já consagrada como artesã local, ajudou a fundar a Associação dos Artesãos de Resende Costa (ASARC), em 1993.

A ideia veio de um ex-vereador da cidade. “Tínhamos muita dificuldade em conseguir matéria-prima para alguns produtos que começaram a ser desenvolvidos. Então, unidos, os artesãos podiam comprá-los em maior quantidade, de fornecedores melhores e a preços mais interessantes. Aos poucos, ajustamos outras questões, como CNPJ e inscrição estadual, para poder comercializar fora da cidade”, lembra Graci, que presidiu a associação hoje com 15 membros e loja própria que expõem os trabalhos de todos eles.

Outra vitória da arte em Resende Costa, que segue tecendo a própria história. “Não há crise que derrube o que se faz com amor. É difícil, às vezes. Mas o coração fala mais alto, bate junto com essas máquinas aqui”, diz. Ninguém duvida.



Luz, câmera... paixão

Em São João del-Rei, a Sétima Arte foi o primeiro grande amor de Welerson Itaborahy, o Lilinho, o homem por trás do Cine Glória



ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO

O Regresso, estrelado por Leonardo DiCaprio? *Guerra Civil*, colocando Capitão América e Homem de Ferro um contra o outro?

Não. Nenhum desses dois títulos, considerados dois dos maiores sucessos de bilheteria até agora em 2016, arranca meio sorriso de Welerson Itaborahy, o inconfundível Sr.Lilinho. Pelo contrário, qualquer novidade da Sétima Arte o faz soltar uma careta cômica de desaprovação. Para ele, ambas as produções têm lá seus méritos e fazem parte do negócio a que dedica a vida desde os anos 50: o cinema.

No entanto, para um homem que descobriu ainda na adolescência o encanto das telonas e a mágica dos bastidores nas exhibições, elas estão longe de maravilhar, como no passado. “Parece conversa de gente velha, né? Mas olha só: eu vi filmes de faroeste em que o cabra disparava uma única vez e derrubava 15 pessoas (*gargalhadas*). Fui privilegiado”, diz.

E completa: “Sem falar que, hoje, as projeções são digitais. Antes a gente manipulava minuto a minuto. Era mais difícil, sim. Por outro lado, havia uma beleza extraordinária em fazer isso. Sinto muita falta”, confessa.

Lilinho, agora aposentado, é o empreendedor por trás do Cine Glória, possivelmente um dos mais antigos cinemas ainda em funcionamento no país e com duas salas em São João del-Rei. Proprietário do lugar desde 1979, ele coleciona histórias de sessões lotadas, frustrações, prejuízos cobertos com investimentos do próprio bolso e até um rato que aparecia entre poltronas, para pavor da plateia, com hora marcada.

A história desse mineiro parece, de fato, coisa de cinema. E ele próprio criou a sinopse: “Ele nasceu com nome de presidente da República, virou jogador de futebol, surtou, comprou cinemas e comeu o pão que o diabo amassou. Mas viveu a saga de alguém feliz”.



ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO

Entre altos e baixos, coragem e loucura, o Cine Glória se mantém aberto. É, possivelmente, um dos mais antigos ainda em atividade no país

O ADOLESCENTE “CARA-DE-PAU”

“Senhor Paulo, posso falar uma coisa? Eu sei fazer o que esse moço aí faz. Eu fuçava tudo quando vocês não estavam aqui”. A confissão foi do jovem Welerson, com 14 anos, ao patrão. Na época, ele trabalhava em uma distribuidora de filmes na cidade de Juiz de Fora – ou na “esquina do Rio”, como gosta de chamar.

“Eu só sabia bater umas palavras na máquina de datilografar. E ficava observando o tal do ‘programador’, um ex-gerente da Paramount em Belo Horizonte, que ficava responsável por distribuir os calendários dos cinemas, vender fitas, organizar lançamentos. Eu bisbilhotava e achava o trabalho dos sonhos. Inclusive, considerei loucura quando esse cara pediu demissão”, ri Lilinho.

Maior loucura ainda foi a dele, que ao ver o patrão desesperado, confessou “futricar” em tudo quando ninguém olhava e, ainda, ter aprendido todos os segredos da função. Ao invés de uma bronca, ganhou uma promoção. E se tornou programador aos 16 anos.

Dali em diante, apesar da pouca idade, se transformou em um “viajante profissional”. Mas sem luxos. “Perdi as contas de quantas vezes fui ao Rio de Janeiro a trabalho. E nunca senti nem o cheiro da Praia de Copacabana. Não tinha diversão. Só dificuldade.

Dormi até em banco de praça por chegar lá na madrugada e não ter como pagar hotel”, relembra. Sem remorsos, aliás.

DE PAIXÃO A NEGÓCIOS

Para Lilinho, todas as dificuldades dessa fase o fortaleceram. E motivaram. Não demorou, aliás, para que começasse a arrendar salas de cinema ameaçadas de



falência. A primeira foi em Rio Novo. “Lá era assim: cinco minutos antes de a sessão começar, a plateia toda levantava os pés. É que havia um rato na sala do transmissor. Quando ele era ligado, o bicho saía correndo e atravessava as fileiras. Ninguém conseguiu capturá-lo”, gargalha.

Dali, o mineiro não parou mais. Onde havia um empreendedor querendo fechar cinemas, lá estava Lulinho fazendo propostas para cuidar do negócio. Deu certo. Pouco depois, ele já havia chegado a Astolfo Dutra, Piraúba, Rio Casca, Raul Soares, Ubá, São Pedro dos Ferros, São João Nepomuceno, Lafaiete e Mercês. Nesta última, aliás, vivenciou o primeiro infortúnio da carreira.

Um incêndio destruiu toda a estrutura no exato momento em que as distribuidoras de filmes cresciam os olhos para estabelecimentos de cidades maiores e praticamente abandonavam os municípios interioranos. Para piorar, as tecnologias de reprodução de vídeo avançavam mais rápido do que os lucros nos cinemas. “Foi difícil. Quase desisti. Mas não demorou muito pra tirar essa ideia ruim da cabeça e fazer outra loucura, que foi comprar o meu próprio estabelecimento”, conta.

“O CINEMA É MEU”

Sempre que descreve a atividade de cuidar de salas de exibição, Lulinho não economiza nas metáforas. “É quase uma escravidão. Enquanto todo mundo descansa, come pipoca, namora no escurinho, você trabalha sem parar. Sabe aquela cena do Chaplin ficando doído numa fábrica (no filme *Tempos Modernos*)? Daquele jeitinho”, brinca.

Ainda assim, garante, jamais abandonou a paixão pela sétima arte. E sempre a prezou quase religiosamente. Reza a lenda em São João del-Rei, onde adquiriu o Cine Glória em 1979 por 70 milhões de cruzeiros, que qualquer cochicho mais alto dentro da sala o fazia expulsar o espectador. “Comigo não tinha farrá. E se reclamasse eu já mandava a pessoa procurar outro cinema. Opções não faltavam. Na cidade havia o Arthur Azevedo e outra sala no Matosinhos, tam-



Em *Tempos Modernos* (1936), Chaplin lida com a loucura da industrialização

bém”, ironiza.

O cuidado excessivo se refletiu em outros episódios. Um dos filhos de Lulinho, Willian, conta que perdeu as contas de quantas vezes viu o pai pagar, com dinheiro do próprio bolso, as taxas de exibição para distribuidoras. “Às vezes iam cinco pessoas pro Cine Glória. Ele escrevia nos relatórios que havia 55 e pagava com dinheiro dele os demais ingressos. Tudo pra manter aquele lugar aberto. Eu via e pensava que ele estava enlouquecendo. Mas era obstinação mes-



mo”, afirma.

Lilinho completa: “Na verdade, quem trabalha com isso precisa entender desde o início que está entrando em um ramo f**** da p***. (Pausa) Olha, sei que vocês não podem escrever isso na revista. Por outro lado, não encontro nada melhor que um palavrão pra definir. Cinema é ganhar ou perder. Perdi muito. Trabalhei à noite pra ter o pão com manteiga do dia seguinte e nunca enriqueci. Faço por amor. Se me arrependo? Jamais. Olha minha cara de gente feliz. Vou morrer com esse sorriso”, garante.

CINE GLÓRIA

Um dos espaços mais tradicionais de São João del-Rei tem fachada imponente, cara de teatro e estilo do século XX. Inaugurado em 1947, é patrimônio local e, por lei, só pode ser usado como cinema. O motivo do nome, diz Lilinho, é um mistério. “Uns dizem que está relacionado a Nossa Senhora da Glória. Outros que era o nome de uma mulher formosa. Fato é que vários cinemas no Estado têm essa nomenclatura. Quase lenda”, explica.

Gigante do setor, o Cine Glória começou com nada menos que 1.250 lugares. Após uma reforma, passou para 950. Depois chegou aos 750 e, por fim, aos atuais 402 lugares. “Durante muitos anos, os cinemas eram um aglomerado de gente em frente à tela. Hoje, as pessoas buscam mais conforto, uma experiência cultural mesmo. Então, fomos apostando em mais espaço entre as cadeiras. E repetimos essa escolha na nossa filial, o Cine Shopping, que tem 144 poltronas desde 2006”, diz o herdeiro Willian.

Ele e um dos quatro irmãos, Wallace, cuidam de ambas as salas atualmente. “Comecei aos 9 anos. A gente não ficava em casa e acabava acompanhando o pai. Aos poucos, fomos desenvolvendo a mesma paixão que ele”, completa.

Paixão que se estendeu inclusive para aluguéis de títulos. O Cine Glória também conta, hoje,

com locadoras. E não são das comuns. No auge dos empréstimos remunerados para quem queria ter cinema no conforto do lar, as empresas formaram, juntas, o terceiro maior empreendimento do setor em Minas, com nada menos que 27 mil títulos disponíveis.

Um milagre da multiplicação, para uns. Um sinal da falta de juízo de Lilinho, para outros. “Meu pai sempre foi Papai Noel. Amigos e parentes diziam estar passando dificuldades financeiras, ele ajudava. As pessoas o sacaneavam, ele perdoava. Nos negócios também era assim: vendedores de fitas ou DVD’s apareciam, diziam que estavam com problemas para vender alguns exemplares e pronto... meu pai comprava tudo pro cara ficar feliz”, ri Willian.

DIO, COMO TI AMO

Exatamente por isso, em pouco tempo o acervo de 80 filmes saltou para milhares. Entre eles alguns que ocupam lugar especial no coração e na vida de Lilinho. “*Dio, como ti amo*. Nunca vai haver filme como aquele”, opina categoricamente.

E há razões para essa veemência. “Posso falar outro palavrão? Olha, eu estava na m**** nos anos 80. Crise no mercado. Por causa disso, tive dificuldades em comprar filmes e trazer para o Cine Glória. Ao mesmo tempo, porém, precisava manter a circu-

lação de público lá. Um dia, em Belo Horizonte, me ofereceram uma cópia dessa produção. Ela já havia sido exibida no Brasil inteiro gratuitamente. Mas arrisquei. Era em preto e branco e tão antiga que nem pôsteres tinha mais”, conta vasculhando a própria memória.

A mesma que deu a ele uma grande ideia na época desse impasse. “Havia um pintor incrível em São João. O contratamos, ele pintou quase um *outdoor* do filme na fachada do cinema. Resultado: houve filas de dobrar a esquina. Isso só acontecia com títulos envolvendo Os Trapalhões, por exemplo”, acrescenta.

Entre a sorte de um amante da própria profissão, a esperteza de um empreendedor e uma mãozinha do destino, Lilinho se transformou em um incentivador cultural quase sem querer. Pela persistência ganhou até uma comenda estadual. “Eu mostraria a vocês se soubesse onde está. Acho até que minha família vendeu”, finaliza cochichando na tentativa de provocar o filho, que acompanhava tudo, e gargalhava.

Provocar, aliás, é outro talento do proprietário do Cine Glória. “Nunca fui de seguir regras. Na família tive irmãos que viraram gerentes de banco, donos de empresas grandes. Eu optei por uma carreira em que ninguém acreditava. E faria de novo”.



Cena de *Dio, como ti amo*. Clássico dos cinemas ajudou a salvar o Cine Glória



Assessora Jurídica do Sicoob Credivertentes

Entre a Justiça, o cooperativismo e a saudade



Uma estátua de Têmis, a deusa grega da Justiça, decora a mesa da advogada Vera Lúcia Chaves Resende Santos. É um símbolo imponente do trabalho e da personalidade da mulher nascida em Coronel Xavier Chaves, mãe de dois filhos, cooperativista e assessora jurídica da Credivertentes.

A peça do escritório, a simpatia e as palavras contundentes de Vera, porém, escondem um coração atribulado, que se revela no exato segundo em que ela visualiza, ali por perto, algumas pilhas de pastas. Nelas, o nome de João Batista de Resende aparece escrito em alguns campos, indicando ter sido ele o responsável por aqueles processos.

Hoje, são cuidados pela filha dele. Sim, Vera. “Ainda é difícil ler o nome do meu pai aqui e pensar que fisicamente ele já não está presente. De abril (quando nos deixou) para cá, entrar no escritório e não encontrá-lo é sentir um tapa forte todos os dias. O que me fortalece são as lembranças, as lições e a inspiração que tanto ele quanto minha mãe deixaram”, diz em referência a Dolores Resende, conhecida como D.Lolina, falecida em dezembro de 2014.

Impossível discordar de Vera. Ex-bibliotecária, professora da Educação Infantil e funcionária pública, a advogada especialista em Direito Administrativo e Direito Constitucional defende que, na vida, é importante saber persistir, ousar e recomeçar. Mesmo em meio à saudade.

Vertentes Cultural – *Sua história com o cooperativismo tem cerca de 20 anos. Como começou, efetivamente?*

Vera Santos – Quando a Credivertentes chegou a Coronel Xavier Chaves, em 1995, houve uma comoção geral para que as pessoas aderissem à cooperativa. Afinal,

era uma instituição séria e reconhecida na região, levando para nós uma série de serviços do setor financeiro. Era um sinal de liberdade e praticidade, de que poderíamos contar com crédito perto de casa. Pouco depois, mas já em 1996, abri minha conta. Na época, eu trabalhava na Prefeitura local e lidava diretamente com associações. Então foi ficando nítido, para mim, o quanto é importante a união, o trabalho conjunto para o desenvolvimento de todo o entorno.

Vertentes Cultural – *Nada disso se torna efetivo sem democracia, participação e voz ativa, certo?*

“Cooperar faz mais parte das nossas trajetórias do que imaginamos. Já imaginou se todos tivessem consciência disso?”

Vera Santos – Exatamente. E isso é algo raro, que meu pai destacava com frequência. Ele se tornou um enorme entusiasta do cooperativismo e da Credivertentes em si. E isso era tão empolgante que me contagiou (risos). Passei um tempo morando

no Sul do país, mas logo que retornei voltei a participar da Credi e me tornei uma pessoa presente em assembleias que, aliás, sempre me fascinaram. Isso fez com que em 2013 eu fosse convidada para tentar uma vaga como delegada. Acabei eleita e, em 2014, veio um outro chamado muito importante na minha vida. O Sr. João (Pinto de Oliveira, membro-fundador da Credivertentes) me ligou e contou sobre a vontade de renovar o Conselho de Administração, além de aumentar a presença feminina no grupo. Na hora questionei muito minha real capacidade para isso, mas aceitei me candidatar. Novamente houve uma resposta positiva dos votantes e integrei o Conselho até abril deste ano.

Vertentes Cultural – *E como foi a experiência? Afinal, você passou de delegada, representando cem associados, a Conselheira de Administração, que na prática personifica 16*

pontos de atendimento e mais de 14 mil cooperados...

Vera Santos – Olha... é uma experiência muito rica, considerando o conhecimento profundo que passamos a ter tanto da filosofia quanto da estrutura da cooperativa. Isso significa que, durante todo o tempo, transitamos entre conhecimentos técnicos e experiências humanas maravilhosas. Por outro lado, tudo isso também assusta, de certa forma. Há uma mega legislação envolvida e que precisa ser cumprida nos mínimos detalhes, sob observância do Banco Central. É aí que surge o malabarismo entre as necessidades e demandas comunitárias e os preceitos legais. É preciso equilibrá-los para que haja sustentabilidade na instituição.

Vertentes Cultural – *Interessante abordar isso. Recentemente, em meio às comemorações pelos 30 anos de Credivertentes, que nunca fechou as portas, muito foi relatado sobre os primórdios da cooperativa, em 1986, enfrentando leis e burocracias que só beneficiavam instituições de crédito tradicionais. Ou seja: os bancos. Aliás, o embaixador especial para o Cooperativismo Mundial da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, Roberto Rodrigues, também abordou o assunto em artigo da revista Saber Cooperar. No texto, ele destaca que a legislação para as cooperativas era cheia de ‘não podes’, incluindo proibição para ter talões de cheques próprios. O que mudou de lá para cá?*

Vera Santos – A Constituição de 1988 foi um divisor de águas por finalmente reconhecer o cooperativismo como parte do sistema financeiro nacional. Isso permitiu que começasse a se consolidar e mostrar a que veio. Hoje, as cooperativas protagonizam um fenômeno tão forte, que é impossível detê-las. E falo isso porque, no passado, os esforços para anulá-las foram enormes. Aos poucos, com perseverança, estratégia, filosofia diferenciada e modelos



de negócios humanizados, instituições como a Credivertentes triunfaram de forma que se posicionam como concorrentes reais no mercado financeiro, inclusive superando bancos tradicionais em uma série de índices. Os resultados positivos nesses momentos turbulentos do país provam isso.

Ainda assim, as cooperativas precisam desafiar legislações injustas e dificultadoras de suas atividades. Nada comparado ao visto nos anos 1980 pela Credi, claro. Mas os entraves seguem existindo.

Vertentes Cultural – *Mais cedo você mencionou que sua vivência junto a associações de Coronel Xavier Chaves ajudou na percepção da força popular e comunitária. Agora, na última resposta, você frisou “filosofia diferenciada” e “modelos de negócios humanizados”. Foi o que lhe encantou no cooperativismo?*

Vera Santos – Absolutamente. Não só a mim, mas ao meu pai também, que vestiu a camisa da Credivertentes não apenas

como assessor jurídico por 15 anos, mas também como um homem que veio da roça, entendia as dificuldades do produtor rural e, além disso, tinha uma veia naturalmente política, social, interessada em ver a comunidade crescer. Costumo dizer que tive muita sorte em conviver com um ser humano tão idealista, mas ao mesmo tempo pé no chão. *(Ela interrompe a fala e soluça)* Pessoas como o meu pai fazem falta nesse mundo maluco que vemos lá fora. Estamos rodeados de gente que só quer crescer sozinha, mesmo tendo que pisar no semelhante. Aliás, saber que instituições como a Credi incentivam o contrário é reconfortante. A visão que temos do mercado, em geral, é de algo frio e assustador. É bom saber que há exceções.

Vertentes Cultural – *A sua história pessoal e profissional deixa muito latente a questão do empoderamento feminino, muito pautada atualmente...*

Vera Santos – Meus pais, mes-

mo sem saber que nome dar a isso, sempre incentivaram a autonomia e a igualdade entre si e entre os filhos. Eles tiveram seis crianças – quatro mulheres e dois homens – que sempre tiveram sonhos, decisões e rumos respeitados.

Para se ter uma ideia, acredito que minha independência começou a ser rascunhada em 1979, quando eu ainda tinha 12 anos e comecei a trabalhar como bibliotecária em Coronel Xavier Chaves. Na época isso era permitido, obviamente, e eu recebia remuneração equivalente a salário mínimo. Para uma criança chegando à adolescência, isso significa muito. Mas sempre tive orientação quanto a prioridades e cuidados. Algo que repassávamos para os irmãos. Agora, analisando bem, acho que minha família vivia o cooperativismo no cotidiano. Está aí outra característica interessante: cooperar faz mais parte das nossas trajetórias do que imaginamos. Já imaginou se todos tivessem consciência disso?

ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO



João Batista e Dolores Resende:
união, amor, persistência e
cooperativismo no dia-a-dia

Malas prontas rumo a Piedade do Rio Grande



Município receberá o 17º Ponto de Atendimento do Sicoob Credivertentes

Dois anos após abrir o 16º Ponto de Atendimento (PA), o Sicoob Credivertentes já ensaia a inclusão de uma nova agência no mapa de alcance da cooperativa. Desde janeiro deste ano, um imóvel no município de Piedade do Rio Grande tem sido preparado para se tornar o 17º PA. Ao fim das obras, a antiga loja de utilidades domésticas será convertida em espaço de atendimento completo, com layout padronizado, sala de reuniões, caixas para atendimento personalizado, caixas eletrônicos para serviços automatizados e, claro, colaboradores prontos para ouvir, dialogar e apresentar

soluções financeiras adequadas e sustentáveis.

Ainda não há data definida para inauguração do novo integrante da Família Credi, mas outros aspectos importantes já começaram a ser definidos. Um deles, o nome do gerente responsável pelo novo Ponto de Atendimento.

Diego Santos, 27 anos, tem cinco de experiência junto a associados de Resende Costa. Agora, prepara malas e habilidades para desembarcar em Piedade. Aluno do Perfil Gerencial (PG) da Central Crediminas entre 2013 e 2014, Santos diz que pretende olhar para os colaboradores que gerenciará

com o mesmo carinho e o mesmo incentivo que recebeu em Resende Costa. “Tive uma boa escola e excelentes professores no cotidiano daqui. Quero fazer a diferença como fizeram pra mim”, garante.

A CHEGADA

Piedade do Rio Grande tem população de 4,7 mil pessoas que aposta alto em agropecuária. Os resultados comprovam isso. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município entrega ao mercado 8,5 mil litros de leite por ano. Não bastasse isso, soma 36 mil dúzias de ovos de galinha pro-



duzidos e comercializados a cada 12 meses.

Há mais: a comunidade é responsável por nada menos que 60 toneladas de frutas colhidas por hectare anualmente, somadas a outras 60 de cana-de-açúcar. Outro talento que já desponta na cidade, a exemplo da vizinha Madre de Deus de Minas, é a contundente produção de grãos, com cerca de 13 toneladas brotando ali por hectare entre janeiro e dezembro.

Com esse cenário, Piedade do Rio Grande se torna um verdadeiro exemplo de que em pequenos territórios também há grandes possibilidades. No entanto, elas não se concretizam sem apoio financeiro, crédito, fé em homens e mulheres que transformam e economia e, juntos, alavancam uma comunidade inteira.

É aí que a Credivertentes entra. Sem instituições financeiras estruturadas de forma completa na vizinhança, representantes de Piedade demandaram a abertura de um PA por ali. Receberam um “sim” quase imediato. Começou, então, a jornada de implantação da 17ª agência da cooperativa. “Há 30 anos, quando demos os primeiros passos, fomos chamados de loucos. O primeiro PA era constantemente classificado como ‘tamborete’ ou ‘banquinho’. Hoje,



De Resende Costa a Piedade: Diego Santos será o gerente do novo PA

após muita luta, somos uma instituição consolidada que segue acreditando na força popular, no poder da coletividade e no poder do empreendedorismo. É uma honra chegar a Piedade e esperamos que, de lá, possamos chegar a outros locais”, diz o presidente do Conselho de Administração da Credi, João Pinto de Oliveira.

EXPECTATIVAS

Com primeiro nome semelhante ao da cidade em que nasceu, Piedade Heida da Silva conhece bem todos os cantos do município. Em 50 anos de vida e mais de duas décadas dedicadas ao comércio, a simpática senhora também entende, com conhecimento de causa, os sonhos da comunidade. Segundo ela, um deles sempre foi contar com uma instituição de crédito pertinho de casa. “Até agora, nós só tivemos postos simplificados de bancos. Nunca um local em que pudéssemos receber atendimento completo. Exatamente por isso, algumas pessoas se associaram à Credi em Madre de Deus de Minas. Agora, muito mais gente poderá fazer isso aqui na cidade mesmo”, comemora antes de acrescentar sobre a ansiedade já percebida em Piedade. “Na verdade, o anúncio da vinda da cooperativa deixou todo mundo mais inquieto (*risos*). Basta dar uma voltinha na rua pra muita gente me parar perguntando: ‘É aí, quando é que a Credi vai abrir?’”, conta rindo.

DECISÕES

Ouvir comentários como esse é motivo de alegria para a gerente-administrativa da Credivertentes, Adriana Martins. Para ela, abrir um novo Ponto de Atendimento se assemelha a uma gestação, tamanho o cuidado para tomar deci-



Adriana Martins: “Abrir um novo Ponto de Atendimento significa ver esse grupo e toda essa multiplicidade crescer em nossa terra, protagonizada por nossa gente e construída a mil mãos”

sões, o carinho para escolher onde o PA irá funcionar e a dedicação para que a nova agência abra as portas em tempo hábil, mas sem deixar passar nenhum detalhe.

Não por outro motivo, a escolha do local de implantação do novo PA foi minuciosa. Ao todo, oito imóveis foram visitados em busca de um espaço que permitisse adaptações e tivesse localização que oferecesse conforto e praticidade aos associados. Daí a opção por um ponto bem pertinho da Igreja Matriz.

Com obras iniciadas em janeiro, o Ponto de Atendimento piedadense representa não apenas renovação e crescimento no ano de comemoração dos 30 anos de Credivertentes, mas também confirmação de princípios. “Enquanto cooperativa, seremos desafiados ferrenhamente quanto à nossa identidade. Mas lutamos para que, independentemente do crescimento, a Credi siga respeitando seus princípios ideológicos; compartilhando seus valores, seus resultados, seus conhecimentos; e cooperando para o desenvolvimento de diferentes comunidades. Abrir um novo Ponto de Atendimento significa ver esse grupo e toda essa multiplicidade crescer em nossa terra, protagonizada por nossa gente e construída a mil mãos”, encerra Adriana.

APAE:

em Madre de Deus
também são





Deus, amor e luta
excepcionais

DEIVIDSON COSTA



O dia 6 de maio provou que, em Madre de Deus de Minas, duas de suas maiores características começam com “S”. E não, não estamos falando sobre os Silos responsáveis por abrigar, todos os anos, quase 65 mil toneladas de grãos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Na realidade, aquela tarde de sexta-feira destacou outros pontos: Sorte e Solidariedade. No município, um paranaense de nascença e mineiro de coração foi sorteado duplamente na Promoção *Cartão Premiado - SicoobCard*, da Central Crediminas. Na primeira, levou para casa uma TV LED 40”. Na segunda, uma S10 zero quilômetro. Mas o ruralista Adair José de Carvalho, conhecido como Baianinho, não foi o único a comemorar.

Junto com ele, um grupo de educadoras e seus pupilos festejou com gritos, aplausos, balões, lágrimas e muito alívio. É que essa turma recebeu, das mãos de Carvalho, um cheque com doação de R\$20 mil. Era uma forma de agradecer, segundo ele, por tudo o que o município significava em sua história. Acabou tendo outro sentido: o de Salvação.

Os recursos ajudariam a manter aberta, por aproximadamente três meses, uma instituição que mês a mês grita mais uma palavrinha com “S”: Socorro. Tudo em nome de Amor, Proteção, Amparo e Esperança. Poderia ser esse o quarteto formando a sigla da APAE.

DIFICULDADES

Inaugurada em 12 de outubro de 1998, a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) atende hoje 23 pessoas das cidades de Madre de Deus e Piedade do Rio Grande com idades entre 7 e 53 anos. Para isso, conta com uma equipe de 14 profissionais. É esse o gargalo da entidade.

Com uma reviravolta em lei estadual no ano passado, a APAE perdeu reforços e passou a tirar,

do próprio bolso, o salário de alguns educadores. De lá para cá, a situação financeira, que nunca foi confortável, passou a esbarrar em oscilações ainda mais graves. “A luta, todo santo dia, é para manter as contas no ‘azul’. Os números são os nossos maiores inimigos. Porque se chegarmos ao ‘vermelho’, não haverá mais solução. Será preciso fechar e lidar com duas perguntas dolorosas: ‘O que será dos nossos alunos? O que será de nós?’”, desabafa com lágrimas nos olhos a coordenadora e professora na APAE há 10 anos, Ana Cynthia Silva.

LEI 100. SEM RECURSOS

O pesadelo começou em março de 2014, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) definiu a Lei 100, vigente em Minas Gerais desde 2007, como inconstitucional. A norma baixada pelo governo mineiro havia efetivado sem concursos públicos quase 100 mil servi-

dores estaduais. A grande maioria no setor da Educação.

Com isso, muitos professores foram designados para atuarem em APAEs. A decisão do Supremo, porém, obrigou que esses mesmos profissionais comessem a ser desligados. E o golpe atingiu associações em todo o território mineiro, incluindo Madre de Deus. “Como não precisávamos arcar com as folhas de pagamento de cinco professores, conseguíamos respirar mais aliviadas. Com a mudança, era preciso cobrir os vencimentos usando recursos do nosso próprio bolso. E daí em diante entramos em uma espiral de crises. Não falta amor para o trabalho. Mas faltam verbas”, conta a diretora da instituição, Glauciene Marize de Souza. “Sem elas, prevíamos que não terminaríamos 2016 de portas abertas. A doação do Baianinho foi um milagre. No entanto vai chegar o momento, mais uma vez, em que



Cerca de 25 pessoas são acolhidas na instituição. Terapias ocupacionais fazem parte das atividades





Na APAE, a rotina adaptada às necessidades de cada aluno leva a autonomia e qualidade de vida. A simpática Laiane é prova disso: "Pra quê outra escola? Eu amo esse lugar"

contaremos moedas".

Os números, de fato, são cruéis. Em 2015, a contabilidade na APAE em Madre de Deus chegou a dezembro com R\$73, 4 mil. O valor parece alto, analisando a cifra isoladamente. Mas se for dividido ao longo de 12 meses entre cuidados para 23 assistidos e manutenção da equipe de duas professoras, duas monitoras, uma psicóloga, equipe pedagógica e grupo de apoio, parece sumir. Ainda assim porque recebem valores irrisórios. "Há profissionais ganhando R\$609. Nem um salário mínimo dá. Estão aqui porque amam e querem ajudar. Se o fizessem por dinheiro, a Associação estaria vazia", acrescenta Ana Cynthia.

AJUDA

Se não fosse pela coragem das educadoras em pedir socorro, também. Logo após a suspensão da Lei 100, o Estado avisou que pagaria os salários de apenas uma professora. A APAE precisaria cuidar das outras quatro. Mas não

tinha caixa para isso. "Com pires na mão, fomos atrás das prefeituras em Madre de Deus e Piedade. Cada uma delas topou manter uma profissional. O Núcleo de Assistência à Saúde Familiar (NASF) auxilia com um professor de Educação Física e uma fonoaudióloga. Mais do que isso não conseguimos", lamenta Glauciene.

Para auxiliar, a comunidade doa recursos e participa ativamente de iniciativas promovidas pela APAE. Através de um leilão, de rendas de bares de eventos, bingos e rifas, a entidade vai garantindo sobrevivência mês a mês. Qualquer coisa além disso é impossível planejar.

DA DIRETORIA PARA DENTRO

A preocupação, os receios, a dor e as lágrimas, porém, não ultrapassam a porta da diretoria. Nos corredores e nas demais salas em que convivem os 23 alunos da APAE, nem um pio é dado sobre o assunto. Ali, as conversas sobre recursos são substituídas por li-

ções escolares; o medo de falir, por afagos; e a corda-bamba de contas azuis e vermelhas se perde nas cores do artesanato que baixinhos e grandinhos produzem com orgulho.

São crianças, adolescentes e adultos, divididos por turnos, que garantem não querer sair da APAE de forma alguma. Mas alguns, ainda em idade escolar, podem ser obrigados a isso caso a instituição acabe sucumbindo. A simpática Laiane, de 13 anos, é uma delas.

Desconfiada a princípio, cheia de prosa logo depois, a menina foi diagnosticada com deficiência cognitiva grave que a faz depender de atenção especializada e, em muitos pontos, individual. "Você a vê reagindo maravilhosamente e quase sem transparecer dificuldades porque, aqui, recebe cuidados de acordo com as demandas pessoais e se adaptou a uma rotina criada só para ela, acompanhando os avanços e as novas necessidades. Em uma escola convencional, com 30 ou 40 alunos, ela não re-



ceberá esse apoio. Infelizmente, nossas instituições ainda não estão preparadas para receber adolescentes como ela. Inclusão não é inserir nossos alunos em um grupo de estudantes regulares. É dar suporte para que possam acompanhá-los e não se sintam negligenciados. O país ainda não promove isso”, defende Ana Cynthia.

Laiane? Nem sonha com essa possibilidade. “Pra quê outra escola? Eu amo esse lugar. Olha aqui o que aprendi a fazer”, diz mostrando um cartãozinho caprichado, cheio de figuras e recortes, convidando para uma Festa Junina.

SUPERAÇÃO

A história dela não é a única de “volta por cima” como resultado de abnegação, educação e amor na APAE. Rubens, de 24 anos, sentiu na pele o preconceito e a rejeição já na primeiras horas de vida. “Quando ele nasceu”, conta Glauciene, “o médico responsável pelo parto deu o diagnóstico de Síndrome de Down virando as costas para a mãe. Foi incapaz de olhar nos olhos dela. A sorte desse menino é que, enquanto o mundo ainda não o entendia, a família já o apoiava. Depois, encontrou a APAE. Hoje é adorado aqui na cidade, coroinha exemplar, rapaz cheio de talento”, elogia a diretora da entidade.

Mas lembra que nem todos os assistidos podem interagir como ele. “Muito se fala sobre o Down e sobre o Autismo. E há quem acredite

que essas são as únicas deficiências que abraçamos aqui. Na realidade, lidamos com casos muito distintos, como paralisias e a Síndrome de Cornélia de Lange, que causa anomalias de desenvolvimento. E dentro dessas situações, cada aluno tem suas especificidades. Se a APAE fechar amanhã, os profissionais daqui vão buscar outros caminhos. Mas e esses me-



Na APAE, criatividade sobra criatividade em produções que envolvem desde cartões festivos a tapetes

nos, o que farão?”, questiona Glauciene.

ESTRUTURA

O presidente da entidade, Marcos Fonseca; Glauciene; Ana Cynthia e os demais colaboradores, que se somam a voluntários que doam serviços como cortes de cabelo e mesmo aulas de Música, podem acrescentar uma habilidade extra ao currículo: equilíbrio.

É que se numa mão carregam o peso das responsabilidades e das

rienciam um pouco do que vão encontrar lá fora.

“Eles não estão desligados do mundo. Temos Sessão Pipoca com filmes que ajudam a contextualizá-los dentro de temas específicos, momentos literários e conversas sobre questões atuais. Com isso, eles se sentem mais ativos, prontos e fortes”, frisa Ana Cynthia.

Não é só isso. Há visitas às casas dos coleguinhas e, depois que um aluno desabafou sobre nunca ter ganhado um bolo de aniversário,

a APAE canta “Parabéns” com quitutes para todos os aniversariantes uma vez a cada três meses. Isso sem falar em passeios que já chegaram, inclusive, a Aparecida, em São Paulo. “Alguns ado-

lescentes aqui passaram a maior parte da vida escondidos em casa, sob proteção dos pais que tinham medo de como seriam recebidos na sociedade. E com razão. Com a APAE, eles passaram a ser vistos, ouvidos. A existir. E jamais vamos permitir que se escondam outra vez. Lutaremos até o último suspiro”, finaliza a coordenadora e professora.

Quer ajudar a APAE a continuar com seu trabalho de acolhida, cuidado e amor?

Doações podem ser feitas com os seguintes dados:

Banco: 756 (Bancoob)
Agência: 3173 (Sicoob Crediverentes)
Conta: 21.861-8

dificuldades financeiras, na outra seguram empatia e força de vontade. Na APAE em Madre de Deus, os alunos matriculados contam com salas de escolaridade, oficinas de arte, espaço de convivência e cantina. Todas áreas entre as quais se revezam, brincam, aprendem, descobrem habilidades, se encontram, recebem apoio, expe-



SEGURO DE VIDA SICOOB:
TRANQUILIDADE EM
TODOS OS MOMENTOS!



 **SICOOB**
Credivertentes

Para outras informações visite o site
www.sicoob.com.br ou
fale com o seu gerente

TEMPERADO

com coragem e amor

Como o Grotão, em Prados, transformou uma 'loucura de família' em empreendimento, referência e ponto de encontro para amantes da Gastronomia de todo o mundo



Após 2,5km da área urbana em Prados, duas coisas mostram ao visitante que, de fato, ele chegou ao Grotão: o cheirinho inconfundível de boa comida e o sorriso largo de Nejadir Velho de Rezende, a simpática Dona Nini.

De óculos escuros após passar por uma recente cirurgia de catarata, ela explica que o acessório foi o jeito rápido para se recuperar, lidar com a claridade e, ainda, fazer o que mais ama: estar em uma cozinha. Algo que repouso algum tira dela. Pouco antes de se submeter ao procedimento, ouviu do oftalmologista que o vapor das panelas traria danos à visão recém-operada. Teimosa e apaixonada por receitas simples, bons temperos e os sucessivos “hmmmm!” de quem conhece seus dotes culinários, a obstinada Dona Nini tentou negociar:

— Já que não posso cozinhar, será que tenho permissão pra pelo menos lavar os talheres? Só não me peça para ficar parada, por favor.

Conseguiu o aval que precisava e lá se foi a simpática senhorinha de 70 anos cuidar do amado Grotão. Mesmo se distanciando, por um tempo, das panelas e fogões em si. Doeu, mas também houve certa tranquilidade. Além de cozinhar, Dona Nini ostenta outros dois talentos: o de empreender e o de ser mãe. Ao misturar as duas características, uniu cinco filhos no negócio que já comemora duas décadas e viu mãos tão habilidosas quanto as dela transformarem o restaurante pradense em um exemplo de que bom sabor e perseverança também estão no DNA.

LOUCURA

— Pode anotar, mãe. Vai vir gente de São João del-Rei almoçar aqui.

A ideia de Márcio, conhecido como Chiquinho, parecia ficção 20 anos atrás. “Não entrava na minha cabeça a possibilidade de alguém pegar estrada para almoçar aqui. Quando começamos, esse espaço era o que qualquer um poderia chamar de ‘fim de mundo’”,



O sorriso inconfundível de Dona Nini e os pratos que prepara como verdadeiras obras de arte

brinca Dona Nini em referência ao local onde hoje funciona o Grotão, um imóvel rural em que, por décadas, funcionou uma fábrica de polvilho. “Era do meu pai. Mas quando faleceu, ficou tudo parado”, conta Marineia de Fátima Rezende, uma dentre os cinco filhos do casal (que teve 11) a cuidar do restaurante.

Dona Nini confirma. “Ele foi tropeiro por muitos anos e cuidava desse negócio também. Quando partiu, acabou tudo. Fui cuidar dos meus filhos de outro jeito. Fazia crochê, assava biscoitos. Até que o Chiquinho veio com a ideia de abrir um restaurante. Eu mesma pensei que ele havia enlouquecido”, brinca.

Então, afinal, de onde veio a ideia mirabolante? “Minha mãe sempre foi cozinheira de mão cheia. Cresci vendo a casa lotada de visitas e com mesa para 30 ou 40 pessoas todo final de semana. Passou a vida fazendo esses al-

moços gigantes e ganhando elogios. Então o meu irmão imaginou que o talento dela renderia um negócio. Teve uma visão que não tínhamos”, confessa Marineia.

Dona Nini, a protagonista dessa história, menos ainda. “Eu? Restaurante? Minha filha, eu nem sabia como era um. Muito menos imaginava que feijão tropeiro e mexidão pudessem fazer sucesso. Isso pra mim era comida de pobre e não fazia sentido alguém pagar por ela”, gargalha.

Chiquinho acabou vencendo pela insistência. O Grotão abriu as portas, atraiu clientela que cresceu, se solidificou e se espalhou pelo mundo. Hoje, mais do que clientes de São João del-Rei, o estabelecimento já registrou visitas de consumidores de pelo menos 25 países. E como carros-chefe do cardápio tem as especialidades que Dona Nini entendeu, com o tempo, serem alimento não só para o estômago, mas para a alma.

FAMA

Impossível não salivar vendo uma mesa posta no Grotão. Arroz, feijão tropeiro, o famoso Mexidão, carnes, toucinho bem frito e crocante, couve refogada. “Última vez que vi tudo isso eu devia ser pequeno ainda, um moleque endiabrado na casa da minha vó”, brincou um visitante enquanto cedia à tentação de beliscar uma porçãozinha de delícias antes de se servir oficialmente.

Ganhou olhar de reprovação de uma senhora que o acompanhava, mas acabou convencendo-a a comer o “pecado” também. Para Dona Nini, esse é o maior pagamento pelo trabalho que faz com amor. “Minha comida não tem segredo. Tem paixão. Se você cozinha arroz estressada, com raiva ou pressa, sua energia vai para a comida. O tempero não fica bom, a coisa gruda no fundo da panela. Agora quando se prepara tudo com alegria, não há mágica que explique o resultado”, defende a empreendedora que, além dos filhos, conta com equipe de seis colaboradores ajudando a atender as demandas intensas nos finais de semana.

A receita do Mexidão, uma das maiores pedidas por lá, ela não esconde: “É só colocar tudo na panela e ser feliz”, brinca. Já a do sucesso, garante que não consegue explicar. “Sei que rezei muito para que desse certo e sou grata pela força dos meus filhos, que podem inclusive tocar o restaurante sozinhos se decidirem. Minhas filhas até já cozinham como eu. Se ensinei, dei curso? Não. Aprendemos juntas, no dia-a-dia, trocando ideias, aceitando sugestões. Talvez um dos segredos seja esse: a compreensão. Sempre ouço que família e negócios não se misturam. Mas graças a Deus, aqui, formamos uma massa boa”, ri Dona Nini novamente.

JEITINHO

A filha, Marineia, não discorda. Segundo ela, a mãe é de fato o maior dos pilares não apenas no Grotão, mas na vida. “Lá em casa a gente briga por qualquer coisa,

menos por negócios. E ainda assim, nunca houve nada grave. Só pequenos estresses por questões de teimosia, gênios que batem de frente, visões de mundo. No entanto, tudo passa muito rápido. Aprendemos com a minha mãe. Essa simpatia e alegria estão com ela o tempo todo. Se a risada calar, é porque ela está rezando. Tem fé em Deus e no lado bom das pessoas. E isso é cativante, reflete em quem vem almoçar aqui. Digo sempre que a energia positiva é parte da receita”, elogia.

Outro fator, argumenta Marineia, é a simplicidade. Quando o Grotão começou, conta, a cozinha foi montada com todas as características de um cantinho culinário encontrado em qualquer casa. Nada de estruturas industriais. Microondas? Adquirido recentemente por “forças maiores”. “O que fizemos, claro, foi nos adequarmos às normas sanitárias. Isso é algo pelo qual primamos e do qual não abrimos mão. De resto, ver Dona Nini cozinhando para um cliente é como vê-la mexendo nas panelas pra alimentar os 11 filhos”, descreve uma filha orgulhosa que, aliás, começou a trabalhar aos 17 anos. Apenas uma menina, assim como a matriarca ao cozinhar pela primeira vez na vida.

INÍCIO

Nini era uma garotinha de 12 anos quando serelepeou cozinha adentro e decidiu preparar algo para ela, os pais e outras 14 crian-

ças. Frisa que não havia carne, “coisa de rico”. Fez feijão, arroz, angu e chuchu. Até quis acrescentar oração-pro-nobis, mas não encontrou o ingrediente por ali. “Era muito difícil achar. E a gente gostava, viu? Gostava demais”, lembra.

Mesmo assim, comida pronta e elogiada. A imagem do pai se rendendo ao cheiro que flutuava do fogão e a chamando de “pequena cozinheira” ainda é nítida. Exatamente por isso, caiu no choro anos atrás quando, no Grotão, ouviu um coro de “Ô, cozinheira, cadê você?”, vindo de uma mesa com 18 visitantes de Belo Horizonte.

Ao sair, assustada, se deparou com todos eles a aplaudindo. “Foi uma mistura de saudades do meu pai com reconhecimento”, diz. O mesmo que a fez ser homenageada em um grupo de teatro de que participava em Prados. Após anos interpretando papéis masculinos, se vestiu pela primeira vez como rainha e, em cena, viu a vida ser recontada. Incluindo o momento em que, mãe e viúva, se transformou em mulher empoderada e de negócios ao lado dos filhos, fechando as portas apenas na Quarta-Feira de Cinzas e na Sexta-Feira da Paixão todos os anos. Com orgulho. “Sonhos? Não tenho. Vivo hoje, rezo e peço a Deus que no amanhã eu continue tendo meus filhos do lado”, encerra para depois aconselhar: “Agora vai lá experimentar minha comida. Tá com cara de fome”.



Natureza e ambientes com arquitetura rústica são charmes à parte



O GUARDIÃO de memórias

Santa Casa em São João del-Rei guarda acervo impressionante. Tudo cuidado por um dedicado voluntário há quase 30 anos

A paixão de Boscolo por história o fez vasculhar porões da instituição e resgatar materiais que acabariam se perdendo. Além de coleção de relíquias, o "definitório" da Casa de Saúde se transformou em fonte de pesquisa para pessoas de todo o país

Do lado de fora, a maior entidade filantrópica do Campo das Vertentes. Por dentro, uma Casa de Saúde que, entre Medicina e Ciência, esconde um acervo imenso de História, Religiosidade e, ainda, grandes lendas. Há quem diga, por exemplo, que o fundador da Santa Casa da Misericórdia nada mais era que um ex-cafetão castigado pelo diabo.

Fato é que a instituição criada por ele é hoje, oficialmente, uma das referências no estado de Minas Gerais. Vai além, no entanto, dos atendimentos ambulatoriais e clínicos. Longe dos consultórios,

num canto reservado, um documento assinado por ninguém menos que D. João VI divide espaço com imagens de santos e até mesmo um ossuário cuidadosamente construído debaixo de um altar.

Na prática a Santa Casa, em São João del-Rei, é um verdadeiro laboratório de fragmentos do passado. Todos guardados em um gigantesco armário de madeira – e no subsolo – pelo aposentado Roberto Boscolo, um verdadeiro alquimista de relatos e fatos importantes que ajudam a recontar não só a trajetória da Cidade Onde Os Sinos Falam, mas também do país.

DOCUMENTOS

Boscolo vai à Santa Casa quase diariamente. E começa a trabalhar cedo, às 7h. Detalhe: voluntariamente, desde 1988. Naquele ano, aliás, vasculhou caixas velhas, arquivos, latas de lixo e porões para encontrar relíquias que estavam abandonadas e poderiam ser guardadas.

Recuperou o que pode: de frascos da botica que funcionava desde o século XVIII na entidade a papéis que, hoje, são tratados como verdadeiros tesouros. Colocou tudo em um armário de quase 2 metros, feito em madeira e

vidro. E é de lá que Boscolo retira, entre atas, balanços e certidões, uma carta assinada por ninguém menos que D. João IV em 1816.

No documento, o então rei de Portugal transforma a Casa de Caridade em Santa Casa da Misericórdia. “Possivelmente uma das primeiras do país”, frisa o cuidador desses materiais que mostra, com orgulho, também, um relato de D. Pedro II visitando a instituição. Segundo Boscolo, o último imperador do Brasil passou por São João del-Rei em 1881 durante inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas. E aproveitou a estadia para conhecer a Santa Casa.

Como o “guardião voluntário” encontrou tudo isso? “Num cofre, dobrado em quatro partes, cheio de poeira. Pouca gente sabia que esses papéis existiam. Quando encontrei, me senti o descobridor da América (*risos*)”. E teve razões de sobra para isso.

Em meio às informações preciosas ligadas a grandes nomes da História, localizou também despachos do Padre José Maria Xavier, um dos maiores compositores de música sacra no Brasil. “Fazer parte da Santa Casa era algo nobre. Apenas aqueles considerados como ‘grandes homens’ podiam compor as mesas. Foi o caso desse religioso. Além de descobrir que ele atuou aqui, encontrei registros relatando que ele acompanhou dois homens à força, no século XVIII, possivelmente para conceder perdão divino. Ambos foram mortos onde hoje é o Bairro Bonfim, ainda conhecido como Morro da Força por alguns. O motivo de terem sido executados não foi mencionado nos documentos”, explica.

OSSUÁRIO

Os papéis ficam guardados no Definitório, um charmoso cômodo que desde o século XIX é utilizado para reuniões da cúpula na Santa Casa. Chegar até ele é quase uma viagem. Partindo da recepção – onde está a imagem gigantesca do padroeiro São João de Deus, uma das primeiras do mun-

do – é preciso cruzar corredores labirínticos até se deparar com um portal diferente de todos os outros: ao invés de passagem para enfermarias ou setores clínicos, ele leva o visitante para o interior da Capela de Nossa Senhora das Dores, única em estilo neo-gótico de São João del-Rei.

Com altar em mármore e vitrais que mais parecem quadros sacros, o local encanta. Mas assusta os mais desavisados: “Você está pisando sobre os ossos do Manuel de Jesus Fortes”, diz Boscolo com bom humor.

Sim, os restos mortais do fundador da Santa Casa estão depositados debaixo da igreja, em um ossuário escondido no subsolo e com entrada garantida por portinhola com menos de 1,5 metro de largura.

O LENDÁRIO FUNDADOR

No quadro na escadaria central da Santa Casa, perto de dezenas de imagens de outros provedores, Manuel Fortes aparece como um senhor franzino, barbudo, meio encurvado e simples. O estereótipo do ermitão



que a história oficial descreve.

No imaginário popular, porém, uma outra imagem tem seu espaço. Reza uma lenda, narrada pelo historiador Luís de Melo Alvarenga, que um ex-cafetão em busca de ouro nas Minas Gerais havia prometido sua alma ao diabo. Em troca, queria riqueza.

Teve. Mas perdeu e viveu um verdadeiro inferno na

Terra pouco depois. Arrependido, o homem teria se convertido em nome de Nossa Senhora das Dores e prometido que, se salvo, se dedicaria a fazer o bem.

A criatividade popular e os registros históricos divergem. Mas se encontram em um ponto crucial: a partir de 1783 São João del-Rei passou a contar com uma Casa de Caridade com 30 leitos voltados “aos desvalidos”.

PIONEIRISMO

Era só o começo. Menos de 40 anos depois, o lar dos vul-

neráveis já era Santa Casa e, em 1826, foi instituição pioneira na aplicação de vacinas contra varíola vindas de Londres.

Pouco depois, nos anos 30 daquele século, recebeu o primeiro curso de obstetrícia de Minas Gerais com lições do francês Gabriel André Maria de Poesquellec.

“Foi pioneira, também ao contar com um farmacêutico produzindo medicamentos praticamente 24 horas ao dia, o Desidério Rodarte. Além disso, quando o país foi assolado pela Febre Espanhola, a Santa Casa surpreendeu ao tratar os doentes com base em princípios de Nutrição. Todas as receitas envolviam carne de frango, por exemplo”, frisa Boscolo.

Há mais: nos anos 40 do século XX e em plena Segunda Guerra, médicos da Santa Casa teriam desenvolvido um método próprio para controle e amenização de dores. A fórmula chamou a atenção de um Conselho Nacional. “Há registros em jornais de que 11 médicos vieram a São João e passaram uma semana na entidade para aprender sobre o método”, acrescenta o aposentado que, apaixonado por História, acaba se transformando em orientador de pesquisadores que vêm de todo o país ao Campo das Vertentes vasculhar documentos da Casa de Saúde.

“Já vi gente se emocionar ao encontrar alguns papéis. Em um dos casos um doutorando veio de longe dizendo ter sonhado que havia no acervo um dado que ele precisava. Encontrou, comemorou, chorou. Nessas horas eu tenho a resposta pra quem pergunta se vale a pena fazer tudo o que faço voluntariamente: um sonoro e firme ‘sim!’, encerra Boscolo.



Morro do Ferro e de devoção ao primo de Cristo



“Graaaande leilão de São João Batista e Festa de Sããããã Sebastião”. Do lado de fora da casa de Ildeano Silva, coordenador de serviços ambientais e pesquisador da história de Morro do Ferro, a voz de um típico locutor de rodeio, num carro de som, anunciava o evento que mobilizaria a comunidade inteira na última semana de março.

No distrito pertencente a Oliveira, a 65km de São João del-Rei, cerca de 10 mil pessoas se aglomeram para festejar João, o Batista, primo de Jesus, todos os meses de junho. Um fenômeno que multiplica em quase dez vezes a população do local. E ela se prepara ao longo de todo o ano exatamente para isso.

Em Morro do Ferro, como em quase todos os municípios do Campo das Vertentes, uma imagem do santo padroeiro, instalada no trevo, avisa que ali há grande devoção a ele. Dentro do distrito, nos fins de março, encontrar casas e estabelecimentos comerciais fechados em plena luz do dia também significa algo: que seus proprietários estão percorrendo propriedades rurais nos arredores buscando doações para o leilão de São João Batista, evento criado para arrecadar fundos e financiar a grande festa em si, três meses mais tarde. Os esforços são tão grandes que chegam a culminar em 200 bezerros doados e leiloados.

Ao mesmo tempo, São Sebastião também é celebrado. Querido principalmente pela população rural, o santo é alvo de devoção de quem lida com a terra e, preta a tradição católica, é protetor contra a peste, a fome e os males que acometem animais.

“Nossa região tem uma cultura muito forte e enraizada de manifestações religiosas. Cada comunidade tem seu padroeiro e, ao redor dele, há celebrações específicas, maiores. Mas isso não significa que não há espaço para reconhecimento, fé e homenagens a outros símbolos de santidade.

Muito pelo contrário”, frisa Silva, um dos fiéis a carregar a imagem de São João, com mais de 20 quilos, nos ombros.

HISTÓRIA

Os laços de devoção entre São João Batista e Morro do Ferro – que recebeu esse nome nos anos 40 graças à riqueza mineral do lugar – remontam possivelmente ao início do século XVIII, quando expedições bandeirantes passaram pela localidade.

A partir daí, surgiram duas histórias para explicar a escolha do padroeiro. “Dizem que bandeirantes que pararam aqui esculpiram uma imagem de São João numa tábua e deixaram com os moradores. Em outra versão, a escultura teria sido feita por tropeiros”, ex-

plica Ildeano Silva.

Segundo ele, também se conta e acredita que santeiros teriam sido contratados pela Coroa Portuguesa para perambularem pelo território deixando imagens de santos como uma forma de propagar o Catolicismo na região ainda colonizada. Entre uma possibilidade e outra, fato é que em 1765 uma capela foi erguida na comunidade, até então conhecida como Serra do Sal. O pequeno templo, dedicado a São João Batista, fez com que a comunidade ganhasse o nome do santo, algo que se estendeu até 1943.

Já sobre a festa, há registros de que ocorra desde 1901. “A realização dela foi passada de pai pra filho ao longo dos anos. Hoje é referência não só pelo tamanho e pela



Moradores do distrito ergueram gruta em homenagem ao padroeiro

beleza, mas também pelas raízes sentimentais. Eu, particularmente, tenho lembranças muito vivas dos carros-de-boi chegando das fazendas com famílias inteiras. Elas ficavam aqui mais de uma semana. O distrito crescia, nossa vida mudava...”, lembra Silva.

Até hoje ainda é assim. Com a maior facilidade de locomoção e transportes, fiéis vão e voltam todos os dias. Mas mantêm a participação intensa em mais de sete dias de celebrações ininterruptas com trezena preparatória, novena, procissão, alvorada e, claro, a queima da tradicional fogueira em praça pública.

FOGUEIRA

“João nasceu! Acendam a fogueira!”, teria pedido Isabel logo após dar à luz. O objetivo, conta a tradição católica, seria dar um sinal à prima, Maria, em um ponto distante do vale.

Ambas haviam engravidado milagrosamente. Isabel era uma mulher de idade avançada. Maria, virgem, carregava no ventre o Filho de Deus – que nasceria seis meses mais tarde.

Esse episódio justifica, ao longo dos milênios, a construção de gigantescas fogueiras em festas dedicadas a São João. Não seria diferente em Morro do Ferro, onde uma estrutura com mais de 8 metros é montada e queimada todos os anos. “Além de fazer referência ao episódio do nascimento, a fogueira também é tradicionalmente associada à purificação dos pecados. Há ainda o fato de que aquece os visitantes”, acrescenta Silva.

ÁGUA

Aos pés da famosa Serra da Capelinha e nos arredores da Gruta de São João, onde uma imagem do santo é guardada e venerada, um córrego desponta e corta a paisagem. Décadas atrás, limpo e claro, era fonte de admiração e pânico da população local.

O motivo? “As águas eram tão

frondosas que as pessoas bebiam e, ao se abaixar, conseguiam se ver refletidas na correnteza. Algo bonito e natural. Mas havia o susto contrário. Contavam por aqui que alguns indivíduos não tiveram reflexo no córrego e, pouco depois, morreram. Olhar para ele e não se enxergar era sinal de que a vida estava acabando”, narra Ildeano Silva.

Segundo ele, não há relatos diretos do ocorrido. “Até agora não soubemos de avós ou pais que

tenham morrido nessa situação. Mas a crença se espalhou e é contada como um fato antigo, já que hoje em dia a água do córrego é poluída e turva. Ninguém conseguiria ver seu reflexo”, lamenta o coordenador de serviços ambientais e pesquisador que planeja, em breve, lançar um livro sobre a trajetória e os costumes em Morro do Ferro. Para isso coleciona, em uma pasta, fotos, recortes de jornal e programações de todas as festas.

SAULO GUGLIELMELLI/DIVULGAÇÃO



Festa lembra o batismo do santo e, com fogueira, mantém simbolismo tradicional



As bênçãos do homem bom



Em são Tiago, o famoso 'Zé Miúdo' defende que a oração tem poder e é capaz de fazer pequenos milagres: 'Não há mal que resista às palavras de quem tem fé no coração'

O traje é inconfundível: faça chuva ou faça sol, no frio ou em temperaturas mais amenas, lá se vai José Alexandre de Campos, 90 anos, com seu chapéu e paletó, além de calças formais presas por suspensórios. No pescoço, um escapulário.

Para onde? Em geral, para a Igreja Matriz, onde gosta de acompanhar todas as missas celebradas. O cantinho favorito, porém, é outro: o próprio lar. Ali, onde hoje mora com três dos cinco filhos, o bom velhinho de 91 anos, conhecido como Zé Miúdo, ostenta nas paredes de casa lembranças de tudo o que mais ama. De um lado, sobre o sofá, fotos antigas de todos os herdeiros. “Eles estavam no

prézinho. Olha só que gracinha”, aponta.

Do outro, quadros com santos que se somam a imagens de barro organizadas em um pequeno altar, no canto. O santuário pessoal, diz, ajuda a protegê-lo e enchê-lo de boas sensações. Mas nada, absolutamente nada, frisa, é mais forte e poderoso do que a oração.

E é com ela, impondo as mãos sobre quem procura sua ajuda, que benze contra uma série de males. “Quebrante, vento virado, estresse, olho gordo. Aliás, as pessoas estão muito invejosas hoje em dia, né?”, alerta. Até pragas da roça encontram auxílio de Zé Miúdo. Milagre, forças extraordinárias? “Nada, filha. Fé. E não adian-

ta ser só minha. Quem vem até aqui precisa acreditar também. E rezar pelo anjo da guarda sempre”, aconselha.

SETE DÉCADAS

Zé Miúdo era um menino franzino e baixinho em São Tiago quando um cunhado o procurou pedindo ajuda. Era benzedor, queria aprender rezas novas e havia comprado livros fora da cidade, mas... não sabia ler. Quis saber se o pequeno José poderia ajudá-lo, lendo frase a frase em voz alta até que o ouvinte decorasse tudo.

Deu certo. Mas outra pessoa acabou assimilando o conteúdo todo: Zé. “Acho que aprendi antes dele. Guardo tudo na caixola”, gar-

galha. A primeira benção, porém, demorou mais a acontecer.

O são-tiaguense já tinha 20 anos quando uma pessoa bateu à porta, se dizendo meio “perrengue”. “Estava cheia de dores, coitada. Disse que saiu daqui se sentindo mais leve e com o corpo melhor. Dali em diante, nunca mais parei de benzer”, conta Senhor Zé.

Não mesmo. Setenta anos após o episódio, ele continua recebendo com graça e empatia quem pede socorro por oração. Mas faz uma ressalva. “Não benzo depois que o sol se põe, não. O mal a gente só manda pra longe quando mostra pra ele a luz”, explica.

FAZER O BEM

Outro cuidado tomado pelo benzedor, um dos raros ainda na ativa, é com as consequências das orações. “Eu era peão quando jovem, sabe? Já domei burro bravo rezando. Mas na roça há uns riscos. Houve fazendeiro pedindo ajuda porque as cobras estavam mordendo as criações, matando bezerrinhos. O problema é que a gente não pode pedir pra elas morrerem. Isso é maldade. Nem pra elas fugirem dali, porque poderiam ir pra outra propriedade causar mais transtornos. Não seria justo. O ideal, então, é rezar pra que elas só rastejem na natureza, se acalmem, não envenenem nada nem ninguém”, deixa claro.

PESO

Ajudar o próximo com orações – são pelo menos 30, algumas longas, mas todas declamadas com paixão – também tem seus riscos. Quem chega à casa de Zé Miúdo carregado de energias negativas com certeza sai de lá mais leve. Quanto a ele... bem, acaba se sentindo mais pesado. “Aí me benzo. Peço paz a Nossa Senhora Aparecida, nossa mãe, e ela dá”, conta com fé.

VIDA

Fé que nunca faltou na trajetória

que superou os 90 anos. E talvez explique, garante Zé Miúdo, a vitalidade de jovem que ainda ostenta. “Todo santo dia eu acordo pedindo proteção ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Ao meu Anjo da Guarda. Pensar lá no alto, abrir o coração e orar pelo cuidado divino é algo que todo mundo pode fazer, de qualquer religião, usando qualquer palavra boa. Não tem uma fórmula. Na realidade, todo mundo pode se benzer. Chegou ao local de trabalho? Pede a Deus pra abençoar aquele lugar. Voltou pra casa? Pede pro mal ficar do lado de fora”, dá a lição o homem que, de tanto acreditar, conseguiu algo de que muitos duidavam:

teve cinco filhos após os 50 anos de idade, no segundo casamento, com Maria.

Garante que sente falta dela até hoje e que seu “santinho” entendeu errado a oração que fez ao pedir conselhos sobre casar com uma moça 30 anos mais moça. “Era tudo muito confuso. Falei: olha, ela vai me ajudar na velhice. Como eu vou partir primeiro, faço isso enquanto a Maria ainda for jovem, pra aproveitar a vida. Entenderam errado lá em cima. Fiquei triste. Mas isso aí já é desígnio de Deus. Ele sabe o porquê de tudo. Então, vivo com paciência e faço o que posso pra ser bom enquanto estou na Terra”, encerra.



O traje inconfundível de Zé Miúdo: chapéu para se proteger do sol, paletó para evitar o frio, escapulário para andar protegido onde quer que vá



Agências Sicoob Credivertentes

Alfredo Vasconcelos
Av. Agostinho Bianchetti, 49 loja A
Centro - MG - CEP: 36.272-000
Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcredivertentes.com.br

Barbacena
Av. Bias Fortes, 572
Centro - MG - CEP: 36.200-068
Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcredivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas
Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - MG - CEP: 36.360-000
Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcredivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves
Rua Padre Reis, 25
Centro - MG - CEP: 36.330-000
Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcredivertentes.com.br

Dores de Campos
Av. Governador Valadares, 187
Centro - MG - CEP: 36.213-000
Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcredivertentes.com.br

Ibertioga
Avenida Bias Fortes, 198
Centro - MG - CEP: 36.225-000
Tel.: (32) 3347-1463
E-Mail: ibertioga@sicoobcredivertentes.com.br

Itutinga
Praça Presidente Costa e Silva, 173
Centro - MG - CEP: 36.390-000
Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcredivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas
Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - MG - CEP: 37.305-000
Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madredminas@sicoobcredivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa
Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - MG - CEP: 36.352-000
Tel.: (32) 3376-8109
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcredivertentes.com.br

Morro do Ferro
Praça Coronel José Machado, 294
Centro - MG - CEP: 35.541-000
Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcredivertentes.com.br

Nazareno
Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - MG - CEP: 36.370-000
Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcredivertentes.com.br

Prados
Rua Magalhães Gomes, 88
Centro - MG - CEP: 36.320-000
Tel.: (32) 3353-6398
E-Mail: prados@sicoobcredivertentes.com.br

Resende Costa
Rua Gonçalves Pinto, 135
Centro - MG - CEP: 36.340-000
Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcredivertentes.com.br

Ritópolis
Rua Santa Rita, 111
Centro - MG - CEP: 36.335-000
Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcredivertentes.com.br

São João del-Rei
Rua Quintino Bocaiúva, 88
Centro - MG - CEP: 36.307-312
Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojdrei@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago
Praça Ministro Gabriel Passos, 114
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1080
E-Mail: saotiago@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago - SEDE
Rua Carlos Pereira, 100
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br



SICOOB
Credivercentes